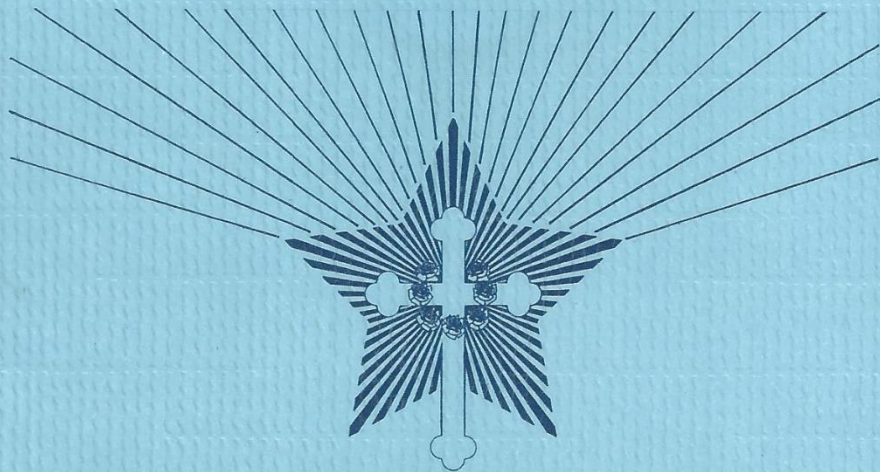


**HISTÓRIAS DA  
ERA AQUARIANA  
para  
ADOLESCENTES**



FRATERNIDADE ROSACRUZ

**VOL. VI**

# HISTÓRIAS DA ERA AQUARIANA PARA CRIANÇAS

Volume 6

Compilado por um Estudante da

**The Rosicrucian Fellowship**

Centro Rosacruz de Campinas – SP – Brasil  
Avenida Francisco Glicério, 1326 – conj. 82  
Centro – 13012-100 – Campinas – SP – Brasil

Revisado de acordo com:

1ª Edição em Inglês, 1951, *Aquarian Age Stories for Children*,  
editada por The Rosicrucian Fellowship

1ª Edição em Português, 1990, *Histórias da Era Aquariana para  
Crianças*, editada por The Rosicrucian Fellowship

Pelos Irmãos e Irmãs da Fraternidade Rosacruz – Centro  
Rosacruz de Campinas – SP – Brasil

[www.fraternidaderosacruz.com](http://www.fraternidaderosacruz.com)  
[contato@fraternidaderosacruz.com](mailto:contato@fraternidaderosacruz.com)  
[fraternidade@fraternidaderosacruz.com](mailto:fraternidade@fraternidaderosacruz.com)

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>5</b>
<b>CAPRICÓRNIO – 22 DE DEZEMBRO A 20 DE JANEIRO.....</b>	<b>6</b>
<b>AMBIÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>PRUDÊNCIA.....</b>	<b>10</b>
<b>AQUÁRIO – 20 DE JANEIRO A 20 DE FEVEREIRO.....</b>	<b>13</b>
<b>AMIZADE.....</b>	<b>13</b>
<b>COOPERAÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>PEIXES – 20 DE FEVEREIRO A 20 DE MARÇO.....</b>	<b>21</b>
<b>SENSIBILIDADE.....</b>	<b>21</b>
<b>COMPAIXÃO.....</b>	<b>25</b>
<b>ÁRIES – 20 DE MARÇO A 21 DE ABRIL.....</b>	<b>28</b>
<b>INICIATIVA.....</b>	<b>28</b>
<b>AÇÃO.....</b>	<b>32</b>
<b>TOURO – 21 DE ABRIL A 22 DE MAIO.....</b>	<b>35</b>
<b>HARMONIA.....</b>	<b>35</b>
<b>ESTABILIDADE.....</b>	<b>39</b>
<b>GÊMEOS – 22 DE MAIO A 22 DE JUNHO.....</b>	<b>42</b>
<b>RACIOCÍNIO.....</b>	<b>42</b>
<b>VERSALIDADE.....</b>	<b>45</b>
<b>CÂNCER – 22 DE JUNHO A 23 DE JULHO.....</b>	<b>49</b>
<b>TENACIDADE.....</b>	<b>49</b>
<b>AMOR AO LAR.....</b>	<b>53</b>
<b>LEÃO – 23 DE JULHO A 24 DE AGOSTO.....</b>	<b>56</b>

<b>LIDERANÇA</b> .....	56
<b>LEALDADE</b> .....	60
<b>VIRGEM – 24 DE AGOSTO A 23 DE SETEMBRO</b> .....	64
<b>PUREZA</b> .....	64
<b>SERVIÇO</b> .....	68
<b>LIBRA – 23 DE SETEMBRO A 24 DE OUTUBRO</b> .....	72
<b>PARTICIPAÇÃO</b> .....	72
<b>EQUILÍBRIO</b> .....	76
<b>ESCORPIÃO – 24 DE OUTUBRO A 23 DE NOVEMBRO</b> .....	80
<b>FORÇAS SECRETAS DA NATUREZA</b> .....	80
<b>CORAGEM</b> .....	83
<b>SAGITÁRIO – 23 DE NOVEMBRO A 22 DE DEZEMBRO</b> .....	86
<b>GENEROSIDADE</b> .....	86
<b>ASPIRAÇÃO</b> .....	90

## **AGRADECIMENTOS**

Este novo volume de histórias foi preparado especialmente para servir de ajuda no ensino da Astrologia para os nossos estudantes adolescentes. São dadas as características básicas de cada signo juntamente com a época do ano coberta por cada mês solar. Além disso, as histórias apresentam, como um modo prático de vida, os altos ideais a serem conquistados em nossa vida diária.

Acreditamos que este volume irá preencher a necessidade de histórias desta espécie.

## **CAPRICÓRNIO – 22 DE DEZEMBRO A 20 DE JANEIRO AMBIÇÃO**

Os desenhos eram excelentes, principalmente por terem sido feitos por uma estudante do curso colegial e sem habilitação em arquitetura. O Sr. Creighton tinha concordado em vê-los porque teve pena de Diana e admirava sua persistência, mas ficou surpreso pelo talento que os desenhos demonstravam.

Desde pequenina e sempre - mesmo antes de saber o que a palavra significava - Diana se interessava por arquitetura. Desenhar projetos para casas era seu passatempo favorito quando era criança. Quando cresceu e começou a estudar seriamente e por sua conta a matéria, seus desenhos infantis foram gradualmente transformados em plantas sofisticadas e surpreendentemente precisas.

Com uma família numerosa para sustentar e recebendo salários exíguos, o pai de Diana não tinha condições de pagar estudos universitários para seus filhos. Porém, quando Diana percebeu inteiramente a situação, determinou a si mesma que lutaria e frequentaria uma escola de arquitetura. Amigos bem intencionados insistiam em observar que arquitetas eram ainda raras, e sugeriam que, embora frequentar uma universidade fosse muito louvável, ela deveria se especializar em outra matéria que lhe abrisse mais portas, tanto na escola como no mundo. Contudo, Diana resolvera ser arquiteta, e disse que "Nem todos os pessimistas vão conseguir me assustar e me fazer desistir!".

Sabendo que só conseguiria bolsa de estudos se mostrasse aptidão especial, Diana, além de trabalhar para ter sempre boas notas na escola, também dedicava grande parte de seu tempo em estudos independentes dos princípios da arquitetura. Ela tinha lido na biblioteca todos os livros que podia entender sobre o assunto e, no ano anterior, seus desenhos deixaram de serem passatempos. Ela se empenhava e aperfeiçoava cada planta de estudos como

se tivessem que ser submetido à aprovação. Também tinha tido a sorte de conseguir um emprego de datilógrafa, depois das aulas, na firma de arquitetura do Sr. Creighton, e não perdeu tempo em fazê-lo conhecer suas ambições.

- Muito bem, Diana, ele disse um dia com simpatia e tolerância, eu vou dar uma olhada nas suas plantas.

- Oh, obrigada, Sr. Creighton, elas estão na outra sala. Eu vou buscá-las, ela disse.

Ele sorriu quando ela saiu e franziu suas sobrancelhas e pensou:

- Como poderia dizer, delicadamente, que ela deveria esquecer toda aquela bobagem de querer ser uma arquiteta? Ela era uma garota boa e adorável e com certeza havia muitas coisas mais adequadas para empregar sua vida. Essas "plantas", seja lá que forem, poderiam ser rabiscos mal acabados que não poderiam, nem remotamente, ser relacionados com realidades estruturais.

Ele tomou as plantas de Diana que estavam enroladas cuidadosamente e recostou-se na cadeira, com a intenção de dar uma olhada superficial. Contudo, sua atenção foi logo presa aos papéis sem acreditar no que via. Os desenhos eram surpreendentemente bons, quase profissionais. Claro que havia falhas e os desenhos não tinham algumas das mais modernas concepções. Mas, era evidente uma noção dos princípios de arquitetura que só se adquirem com bastante estudo, e os projetos básicos eram sólidos.

- Você tem certeza que foi você que fez isto, Diana? Ele perguntou.

- Oh, sim senhor, palavra de honra, ela respondeu nervosamente.

O Sr. Creighton examinou mais um pouco, depois olhou longamente para Diana.

- Eles são bons, Diana. Você realmente tem talento, disse finalmente.
- Obrigada, ela disse simplesmente e suspirou de alívio.
- Você estudou e treinou muito, não foi? Perguntou o Sr. Creighton.
- Eu li sobre arquitetura tudo o que podia entender - e um bocado também do que não entendi, Diana respondeu pesarosa.
- Sim, alguma coisa disto é puramente técnica, riu o Sr. Creighton. Mas logo ficou sério, Você sabe os obstáculos que vai ter que enfrentar, não sabe? Não é tão fácil para uma mulher se formar em arquitetura.
- Eu sei disso, senhor, disse calmamente Diana. Muita gente já me preveniu.
- E mesmo assim você decidiu continuar?
- Certamente.
- Muito bem, continuou o arquiteto. Acho que você também sabe que eu faço parte do conselho da universidade - na verdade aposto que você sempre pensou nisso, não é?

Diana corou e olhou para o chão.

- Sim - sim senhor, pensei, confessou.
- Não tem importância, riu o Sr. Creighton. Gosto do jeito que você tenta conseguir o que quer. Vou recomendar você para uma bolsa de estudos e, com meu apoio, não tenho dúvida de que vai consegui-la. Mas isso vai ser apenas o começo. Você lutou muito para chegar até aqui, mas vai ter que trabalhar muito mais para realizar seus sonhos. Eu posso ajudar você a entrar na faculdade, mas é você que vai ter que conseguir ficar lá.
- Muito obrigada, Sr. Creighton, disse Diana radiante. Pode confiar em mim.



Mais tarde, nesse dia, a Sra. Creighton ficou ligeiramente surpresa ao ouvi-lo dizer, inesperadamente:

- Querida, talvez daqui a cinco anos tenhamos na firma uma jovem arquiteta muito promissora.



## PRUDÊNCIA

Com um guincho de freios o carro deu uma guinada na curva.

- Gente, ele é bom mesmo! Maravilhou-se Tom que, sem ligar para a urgente necessidade de diminuir a velocidade, pisou de novo no acelerador.

- Acho bom que o carro tenha bom controle; você com certeza não o têm!  
Disse Pamela zangada. Você prometeu ter cuidado se eu deixasse você dirigir.

- O que é que há com você? Perguntou Tom impaciente. Só porque eu tive que diminuir um pouco a velocidade. Não aconteceu nada, não é?

- É um milagre que nada tenha acontecido. Vá mais devagar, está ouvindo?

- Poxa! Eu não sabia que você era tão medrosa. Você nunca foi assim antes.

Aborrecido, Tom aumentou mais ainda a velocidade.

- Quando você dirigir o seu próprio carro, o problema é seu e se isso me der medo, não vou com você.

Mas este é o meu carro - novo em folha - e há uma porção de motivos porque eu gostaria que ele, e nós, chegássemos em casa inteiros. Tom vá devagar. Sabe que você está em zona de velocidade controlada?

- E daí? Zombou Tom. Não vejo nenhum guarda.

- Muito bem, pare o carro. Eu vou dirigir.

Tom nunca ouvira Pam tão decidida.

- Poxa! Tenha dó! Implorou. Estou apenas começando.

- Você vai é parar já! Censurou Pam. Pare aqui AGORA!

Tom ficou tão espantado com a atitude de Pam que encolheu os ombros, parou o carro e deixou que ela tomasse a direção sem replicar. Partiram zangados e em silêncio. Pam obedecendo rigorosamente o limite de velocidade e Tom agitado no seu banco. Logo foram ultrapassados por dois jovens em um conversível vermelho, que acenaram para eles com superioridade.

- Você vai deixar que eles avancem assim? Explodiu Tom. Esta belezinha pode vencê-los quando quiser.

- Tenho certeza que pode, mas eu não estou em nenhuma corrida, respondeu Pam.

- Ufa! Foi tudo que Tom pode dizer.

- Escute Tom - disse Pamela pouco depois, tentando quebrar o silêncio opressivo - Não nego que eu gosto de correr. Na verdade eu adoro correr, e nas pistas de alta velocidade e rodovias tudo bem. Mas você não vê que correr nestas estradinhas estreitas é comprar encrenca?

- Não; se você tiver cuidado, disse Tom.

- Se você estiver correndo em uma estrada como esta, você não pode ser cuidadoso.

- Tolice, explodiu Tom.

- Bem, acho que você só vai aprender quando sofrer um acidente - suspirou Pam.

- Bonita coisa para se dizer – disse Tom sarcasticamente. Você está desejando um para mim?

- Claro que não, mas você parece estar pedindo um.

Pam começou a breicar e Tom olhou para a placa de velocidade que estavam passando.

- Agora você vai baixar para 32 km. Só porque a placa indica? Ele perguntou ainda com sarcasmo.

- É isso mesmo. Tenho certeza que você não faria, mas se não está gostando pode descer e ir a pé.

Pam estava outra vez zangada e Tom ficou carrancudo e não disse nada.

Daí a um momento aconteceu várias coisas ao mesmo tempo. Entraram em uma curva fechada, Pam pisou no breque rápido e, mesmo estando em baixa

velocidade, por um triz não apanhou um garoto que estava curvado sobre sua bicicleta no meio da estrada.

Pam encostou-se ao banco, respirou fundo e olhou para Tom, que estava branco como papel!

- Felizmente não estávamos a 96 ou mesmo 40, conseguiu murmurar, e saiu lentamente do carro seguida por Tom.

O garoto, que parecia não se dar conta do risco que correria, disse simplesmente:

- A corrente escapou e a bicicleta não anda.

- Como é que você estava pedalando essa coisa bem no meio da estrada? Você não sabe que é perigoso? Perguntou Tom asperamente e Pam, com o coração ainda disparado, conseguiu olhar para ele intencionalmente.

- Não sei, gaguejou o garoto.

- Bem, eu vou consertar a corrente para você, mas você vai prestar atenção a algumas regras de segurança enquanto eu conserto, e vai prometer que vai obedecer a todas. A voz de Tom ainda estava áspera.

Enquanto Tom consertava a corrente e severamente instruía o garoto, Pam colocou o carro em lugar seguro e sentou-se, subitamente exausta. Tom ainda pálido mandou o garoto embora e entrou no carro.

- Espero que ele tenha aprendido a lição, murmurou.

- Tenho certeza que sim, disse Pam, que poderia ter dito algo mais, mas decidiu que não era necessário.

Não falaram muito indo para casa, mas quando saiu do carro, Tom disse:

- Será que você - será que você quer ir ao show comigo sábado à noite? – perguntou. Prometo dirigir com muito cuidado.

- Claro, vou gostar de ir, sorriu Pam, que estava bem certa de que desta vez Tom cumpriria sua promessa.

**AQUÁRIO – 20 DE JANEIRO A 20 DE FEVEREIRO**  
**AMIZADE**

- Como é que você aguenta passar tanto tempo com aquele sujeito? Perguntou Gary.

- Porque eu gosto de ficar com ele. Estou aprendendo muito com ele e estou interessado nas coisas em que ele trabalha. Acho que é principalmente porque somos amigos, respondeu Kevin, que já estava acostumado aos comentários desdenhosos de seu colega sobre seu relacionamento amigável com o Dr. Patterson.

- Mas não é chato passar todo o tempo com um homem tão velho? continuou Gary.

- Em primeiro lugar, ele não é tão velho assim, replicou Kevin. Quarenta e dois anos não é exatamente senilidade. E eu não me enturmo com ele o tempo todo. Eu também faço muitas coisas com vocês, passo meus dias na escola, como você bem sabe. Acontece que eu gosto de estar com ele e ele gosta de estar comigo – talvez porque ele não tenha filhos - e eu faço coisas com ele que eu faria com qualquer outro amigo.

- Quer dizer que você realmente gostou de ir a essa convenção científica com ele na semana passada, e ouvir aqueles "cabeleiras", ler papéis, ou o que quer que eles tenham feito?

- Sim, e você ficaria surpreso com o que aprendi com aqueles "cabeleiras". Dr. Patterson apresentou-me a alguns cientistas famosos, e ouvi-los conversar durante o jantar abriu meus horizontes. Acho que por eu me interessar por física nuclear é uma forte razão para que Dr. Patterson e eu sejamos amigos. Amizade habitualmente significa que você tem qualquer coisa em comum com a outra pessoa, não é?

- É claro, concordou Gary, mas eu ainda não entendo como você pode ter tanto em comum com alguém tão velho quanto seu pai.

- E eu não entendo por que você continua a arrastar idade na conversa, disse Kevin. Você tem dezesseis anos, e você não se liga muito com garotos com apenas dois anos mais novos. Mas há algumas pessoas com mais de dez anos que você, e você olha para eles como ídolos, certo?

- Ah, isso é diferente, resmungou Gary. Eu não acharia ninguém com 42 anos um Ídolo, e com certeza eu não teria um amigo tão velho!

Gary saiu pisando duro e Kevin sacudiu os ombros, resignadamente.

- Você está muito calado hoje, Kevin, disse Dr. Patterson, alguns dias mais tarde, quando Kevin estava encarapitado em um banco no laboratório do doutor, observando sua última pesquisa. Alguma coisa aborrece você?

- Bem - você acha que há algo de errado em ser amigo de alguém muitos anos mais velho, acha?

Kevin levantou os olhos, embaraçado.

- Bem, sorriu gentilmente Dr. Patterson, você conheceu o Dr. Benjamin na convenção. Quantos anos você pensa que ele tem?

- Sessenta anos, eu acho, arriscou Kevin.

- Ele tem quase oitenta e, embora ele tenha praticamente o dobro da minha idade, ele tem sido um dos meus melhores amigos já há muitos anos. E por falar nisso, também não vejo nada de errado em ser amigo de alguém mais jovem do que eu. Dr. Patterson deu uma piscadela e Kevin riu baixinho. E o doutor continuou:

- Acho que alguém andou caçoando de você por causa de seu amigo, o velho esquisito e enrugado que passa todo seu tempo no laboratório e tem um pé na cova.

- Não exatamente caçoando, eu creio, riu Kevin, mas os caras não entendem como eu possa ter algo em comum com uma pessoa da sua geração. Eu continuo tentando fazê-los entender que a idade nada tem a ver com isso, mas eles não estão convencidos. Acho que eles me consideram maluco.

Dr. Patterson sorriu, depois ficou pensativo.

- Kevin, se você acha a nossa amizade embaraçosa, eu entenderei perfeitamente se você decidir não voltar ao laboratório ou deixar de viajar comigo, ele disse.

- Oh, não, exclamou Kevin, realmente alarmado. Eu não me sinto envergonhado. Ser seu amigo é muito importante para mim, e não me importo com o que esses caras pensem. Eu só tenho pena de que nenhum deles tenha uma amizade como a minha com o senhor. Da maneira como eles pensam, mesmo que tivessem oportunidade de fazer alguma coisa com uma pessoa mais velha ou poder conhecê-la melhor, eles não o fariam. Gostaria de conseguir convencê-los de que a verdadeira amizade é apoiada em algo muito mais importante do que a idade.

- Em que você acha que ela se baseia? Perguntou o doutor.

- Oh, em interesses comuns, e suponho que também em respeito e admiração, e em se gostar realmente tanto de uma pessoa que você se sente bem quando essa pessoa está por perto, e quando você pode fazer coisas com ela.

Kevin, que nunca tinha posto isso em palavras, embora sentisse tudo isso com relação ao Dr. Patterson, falou devagar e pensativamente.

- Mas o senhor sabe, falou depois de algum tempo, eu acho que talvez não se possa dizer aos outros o que é uma verdadeira amizade e esperar que eles entendam só por palavras. Amizade é alguma coisa que você sente bem no fundo e se você não experimentou isso, você não pode realmente saber como é.

- E isso mais ou menos o que eu sinto também, disse Dr. Patterson. A amizade é uma das maiores bênçãos que a vida pode oferecer, e se você tiver sorte bastante para encontrar alguém com quem partilhar uma amizade, como a nossa, com certeza a idade ou qualquer outra consideração desse tipo não pode fazer muita diferença. Bem, nós temos muito que fazer. Que tal usar alguns de seus conhecimentos de matemática e tentar resolver esta equação?





## COOPERAÇÃO

Com olhar fixo e desafiante, mãos na cintura e cabelos em desalinho esvoaçando ao vento, Art discursava para os estudantes reunidos ao seu redor, nos degraus do ginásio.

Sem que ele soubesse, o diretor, Sr. Hodges, estava ouvindo tudo da janela do seu escritório.

- Nós temos regras para isto, regras para aquilo, exclamava pretensiosamente Art. Daqui a pouco, vamos ter que pedir permissão até para respirar. A minha opinião é que se as regras podem ser dispensadas na faculdade, também podem ser dispensadas aqui.

Nesse momento bateu o sinal e os estudantes começaram a se encaminhar para a porta e Art disse:

- Está vendo? Assim que bate o sinal, vocês todos se enfileiram docilmente como um bando de carneiros. Eu declaro, abaixo os sinais - nós não precisamos deles.

Depois da última aula, Art foi chamado a diretoria.

O Sr. Hogdes disse:

- Sente-se Art, eu soube que você não está muito de acordo com as regras daqui. Quais as que você não gosta?

- De nenhuma delas, murmurou Art.

- Bem, cite uma e diga-me o que você não aprova nela, insistiu o Sr. Hodges.

- Eu não gosto de ter de parar o que estou fazendo cada vez que esse sinal dispara e tem que fazer outra coisa. Eu não gosto de não poder ter rádio com

fone de ouvido na sala de estudos. Eu não gosto de ter que esperar até ser chamado nas aulas quando quero dizer alguma coisa. Eu não gosto de não podermos enforçar uma aula sem uma nota de autorização de casa - é como se estivéssemos no jardim da infância.

Art parecia não acabar mais, mas o Sr. Hodges o interrompeu.

- Muito bem, Art. Dá para perceber que você está nervoso com isto. O que você está querendo dizer é que você acha que os alunos não tem a liberdade de agir como tem direito. Não é?

- Sim, disse Art brevemente.

- Muito bem, continuou o Sr. Hodges. Quer você acredite ou não, eu compartilho de seu ressentimento pela repressão. É muito comum nos jovens e eu mesmo já tive essa reação. Contudo, nossas regras foram elaboradas pelo corpo docente com a colaboração – como você bem sabe – dos membros do Conselho dos Alunos, porque nós todos achamos que elas são necessárias para a escola cumprir seu objetivo planejado. Bem, eu vou dar-lhe uma tarefa para executar nos próximos dias e espero que você seja absolutamente honesto - com você mesmo e comigo. Quero que você pegue cada uma dessas regras com as quais você não concorda, analise o mais objetivamente que você puder, porque quem as redigiu as considerou necessárias, e anote essas razões. Depois, exponha por que você acha que elas não são necessárias, e o que você honestamente acha que seria o resultado se elas não fossem aplicadas. Lembre-se, eu confio que você seja objetivo e justo, e eu tentarei igualmente ser objetivo e justo quando ler o seu ponto de vista.

Habitualmente, Art teria dito que não haveria razão válida para nenhuma das regras, sentia-se ressentido e, a despeito de si próprio, percebeu que o pedido do Sr. Hodges para que fosse objetivo e honesto, mexeu com sua consciência. Meditou sobre o assunto por muitos dias e só uma semana depois voltou ao

escritório do Sr. Hodges, de papel na mão. Ele examinou-o cuidadosamente, depois levantou os olhos.

- Não foi fácil para você escrever isto, não foi Art? - perguntou com bondade.

Art arrastou seus pés desconfortavelmente.

- Não, senhor, disse baixinho.

Mas você foi honesto e objetivo, e você deixou de lado suas próprias emoções violentas, e eu o admiro por isso. Se eu posso resumir todos os seus excelentes pontos de vista em uma única frase, diria que você chegou à conclusão de que todas as regras são necessárias – não para serem arbitrárias, mas porque não é razoável esperar que sem elas todos os alunos, em todas as ocasiões, comportem-se com responsabilidade. Você concorda?

- Sim, senhor, disse Art.

- Bem, então, Art, qual você acha que deva ser a atitude dos estudantes com respeito às regras?

- Bem - eu acho que antes que eles tomem uma atitude, deveria ser-lhes explicada por que as regras foram feitas. Quero dizer, poderia haver regras que não fossem realmente necessárias - a voz de Art foi diminuindo e ele olhou indeciso para o diretor.

- Com certeza que poderiam - Art concordou o Sr. Hodges. Eu não vou discutir isso com você. Continue.

- Então, eu acho que eles deveriam cooperar e seguir as regras. Mesmo que eles achem que poderiam fazer o mesmo sem regras, a escola não funcionaria direito se todos não cooperassem, e algumas pessoas precisam de mais regras

do que outras, por isso é justo que todos as obedeam para que possam se habituar.

- Bem apresentado, Art. Você usou uma palavra realmente importante duas vezes. Você lembra qual foi? - perguntou o diretor.

- Ah! Cooperar?

- Sim, Se nós vamos aprender a conviver pacificamente, nós todos temos que cooperar uns com os outros. O Sr. Hodges olhou para Art pensativamente, depois continuou.

- Que tal participar de uma assembleia de estudantes sobre a questão das regras e cooperação em geral ou, e sorriu, você acha que isso mancharia muito a sua imagem?

Art riu.

- Talvez esteja na hora de eu fazer uma nova imagem para mim mesmo, disse.



**PEIXES – 20 DE FEVEREIRO A 20 DE MARÇO**  
**SENSIBILIDADE**

Kim desligou o rádio com um estalo.

- Realmente, eu não consigo gostar dessa coisa, ela queixou-se a sua mãe. A rapaziada acha que eu sou esquisita, mas essa música me deixa nervosa e irritada.

Quanto mais alto for, mais eles se acendem e mais eu me apago! Eu devo ser louca.

- Não, Kim, confortou sua mãe. Você não é louca, não. Você é sensível e alguns dos barulhos que passam por música hoje em dia, naturalmente irritam uma pessoa realmente sensível. Fico contente que você sinta isso, o suficiente para não gostar dessa música.

- Mas, algumas das melodias são bonitas – quando há alguma melodia - e às vezes eu gosto do ritmo também, protestou Kim. O que eu não aguento é quando eles tocam esse negócio tão alto e a dissonância que acontece é pior e o jeito que alguns cantam. Parecem berros; não música. Não sei como os garotos podem estudar ouvindo isso. Eu também gosto de música quando estou estudando, mas não essa!

- E você se aborrece realmente por não gostar de música rock? Perguntou a mãe de Kim.

- Bem, sim; fico aborrecida por não ter prazer com ela como os outros garotos - ou talvez porque eu não seja como os outros garotos, disse Kim pensativamente, mas acho que ela não me aborrece tanto que eu não consiga ficar ouvindo quando não tenho o que fazer. Mas, às vezes, você não pode fugir dela.

- Eu sei, disse a mãe. A coisa importante é que você se sente contrariada por essa música, mesmo que você não consiga entender inteiramente os seus efeitos.

- Você me explicou isso, mãe, mas acho que eu ainda não entendi bem, disse Kim. Podia tentar de novo?

- Bem, querida, começou a mãe, você sabe que o Corpo de Desejos dos jovens da sua idade está em processo de desenvolvimento, e que suas Mentes ainda não amadureceram ao ponto de conseguir controlar adequadamente suas emoções. A música rock, com sua dissonância, seu barulho, seus ritmos super-enfatizado e exagerados, e a vocalização sensual e feia, que quase sempre faz parte dela, atrai e fortalece os aspectos inferiores e mais passionais da natureza de desejo. Ela excita as emoções básicas de uma pessoa a um grau inacreditável, e isto, sem dúvida, é particularmente nocivo para vocês jovens, cujas Mentes ainda não estão em condições de controlar essas emoções. Você bem sabe que na maioria são os adolescentes que se ligam na música rock, que vão aos concertos rock e compram esses discos. Isso é porque sua natureza de desejo é especialmente receptiva a esses sons, e suas Mentes ainda não estão controlando as emoções básicas. A maioria dos cantores de rock é jovem. Quantos cantores de rock com mais de trinta e quarenta anos você conhece<sup>1</sup>?

Kim riu.

---

<sup>1</sup>Apesar da tendência jovem ao rock, atualmente, várias artistas do Rock que começaram na década de 70 e 80 ainda fazem turnês pelo mundo.

Assim, mesmo que tenham começado jovem, a fama os fez não amadurecerem e permanecerem na mesma condição. Além disso, com a Idade de Aquário se aproximando cada vez mais, muitos respondem a isso de modo invertido, e assim, a excentricidade e a heterogeneidade das coisas estão absurdas! Então, veem-se pessoas mais velhas fazendo coisas que apenas jovens fazendo e o contrário também é verdadeiro.

- Muito poucos, assim de repente. E, se existirem, não posso imaginar a garotada ouvindo tais pessoas, com tanta frequência.
  
- É claro que não. Você foi aquele concerto de rock no mês passado e não gostou. Você se lembra do que você não gostou além da música? - Continuou a mãe.
  
- Foi o jeito como o auditório gritava e gemia junto com a música, e o jeito como os cantores e todo o mundo se sacudiam. Até fiquei enjoada.
  
- Sim, causa indisposição pelo menos para quem desenvolveu - ou evoluiu - o suficiente para sentir instintivamente a natureza perniciosa dessa música e o efeito ruim que tem sobre a baixa natureza de desejo. Todos esses gritos e contorções eram realmente os mais baixos desejos dessas pessoas se manifestando, disse a mãe. Você não sabe como estou contente que você seja bastante sensível para sentir isso, e que você não deixe a opinião de seus amigos influenciá-la. Futuramente todos desenvolverão essa sensibilidade, mas tenho medo que isso ainda demore muito.
  
- Acho que você tem razão, disse Kim. Eu tentei dizer para algumas das garotas como eu me sinto, mas elas dizem que eu sou quadrada, ou que eu pertencço a sua geração - ou mesmo a da vovó! Parece que eu não consigo me comunicar com elas. Talvez eu deva deixar de tentar.
  
- Não tem sentido hostilizar seus amigos, concordou a mãe, se eles não estão prontos para entender seus sentimentos ou seus argumentos. Mas seria tão bom para eles se entendessem os resultados desastrosos que a inclinação para essa espécie de música pode ter. Não é coincidência que a música rock faz parte da “cultura da droga”. A música estimula os instintos baixos, torna-os bastante poderosos para dominar a personalidade, e o resultado só pode ajudar no vício de drogas, no crime, na delinquência, promiscuidade, e muito mais

coisas que estão prejudicando os jovens - e fazendo-os prejudicar outros - nos dias de hoje.

- Bem, vou fazer o que puder, disse Kim, embora provavelmente muito poucos garotos me ouçam. Mas estou muito feliz por não me sentir atraída pela música rock, embora isso me faça “diferente”.

- Eu também estou contente, disse sua mãe.

Kim ligou o aparelho de som e sorriu quando a melodia de uma música de Beethoven encheu a sala.

- Que maravilhosa e sensação diferente você tem ouvindo este tipo de música – suspirou contente. Há nela uma força que nos dá uma nova perspectiva sobre a vida. Se mais pessoas a ouvissem, tenho certeza de que o mundo seria um lugar mais feliz!





## COMPAIXÃO

Os rapazes olharam para Burton, que estava sentado do outro lado da sala olhando distraidamente pela janela.

- Nós temos que perguntar a ele? – perguntou Lance.

Eu tenho pena dele e tudo, mas ele não vai fazer nada além de continuar sentado ali. Ele vai estragar a festa.

- Eu acho que vai ser bom para ele se a gente perguntar.

Ele sempre foi deixado de lado, comentou Frank.

Além disso, como é que ele vai estragar a festa ficando sentado ali? Nós podemos nos divertir do mesmo modo.

Que tal, gente?

Muitas cabeças aprovaram com relutância e Lance disse:

- Muito bem, mas é você que vai perguntar. Eu não quero fazer isso.

Burton, dois anos mais velho do que seus colegas, era retardado mental, mas não havia nenhuma escola especializada nas vizinhanças para onde seus pais pudessem mandá-lo. Eles o tinham matriculado no curso secundário onde ele tinha aulas de comércio, arte e educação física, mas ele lia mal e não conseguia aprender as matérias acadêmicas. Ele era geralmente reservado e não criava problemas, e os outros alunos, embora vagamente aborrecidos pela situação, não tentaram mais atrai-lo para seu círculo depois das primeiras e poucas tentativas, que resultaram sem sucesso.

Frank ficou muito tempo pensando no isolamento de Burton. Na verdade, ele não tinha mais vontade do que Lance e os outros de "arrastar" Burton em seus

programas, mas ele tinha pena do rapaz, e sua consciência estava sempre dizendo que eles deviam se esforçar mais para serem bons com ele.

Burton balançou a cabeça indeciso quando Frank o convidou e Frank não estava certo de que ele sequer tivesse entendido. Contudo, quando de tarde ele telefonou para a mãe de Burton, ela disse que ele só falava do convite e disse a Frank que não sabia como agradecer pelo que ele havia feito. Todos tinham que levar um prato para a festinha e a mãe de Burton prometeu bater um bolo.

Quando Frank e Lance chegaram no dia seguinte, Burton saiu de casa todo orgulhoso trazendo o bolo em uma caixa. Ele se esforçou um pouco para conversar com os rapazes, mas levou o bolo cuidadosamente no colo, sorrindo. Na festa, ficou sentado quieto apreciando o movimento. Os convidados se esforçaram, por turnos, para sentar perto dele e conversar e, embora ele ficasse quase sempre calado, seu olhar habitualmente apagado, brilhava interessado e, de vez em quando, ele sorria e acenava para os outros. Ele batia o pé ao ritmo da música barulhenta do aparelho de som e se mostrava menos retraído do que o habitual.

Quando a comida foi posta em uma mesa comprida, Frank sugeriu que talvez Burton gostasse de cortar seu bolo. Relutante a princípio, Burton acabou cedendo a gentil sugestão de Frank e começou a cortá-lo. Ele trabalhava com incrível lentidão, e seu rosto era uma verdadeira máscara de concentração, mas as fatias eram regulares.

Depois de certo tempo, Frank sugeriu que ele comesse e deixasse outra pessoa acabar, mas Burton pareceu tão ofendido que Frank não disse mais nada. Finalmente Burton acabou e com muito sucesso e quando alguns amigos o cumprimentaram pelo seu belo trabalho, ele ficou radiante de alegria.

Na tarde seguinte, a mãe de Burton apareceu de surpresa na casa de Frank.

- Eu só queria dizer o quanto você fez o Burton feliz, ela disse. Tenho certeza que ele não falou muito na festa – ele nunca fala com as pessoas até conhecê-las bem e se sinta seguro com elas – mas ele estava tão entusiasmado em casa. Até chegou a dizer: 'eu acho que eles gostam de mim'.

A mãe de Burton enxugou os olhos e Frank ficou sem jeito.

- Pedir a ele para cortar o bolo foi uma ideia de mestre, continuou a mãe de Burton. Como é que você pensou nisso? Ele não pode fazer muita coisa, mas você não pode imaginar como ele fica outra pessoa, quando consegue fazer alguma coisa bem feita e é elogiado por isso.

Desde então, a vida de Burton na escola foi diferente. Sabendo agora o motivo de seu silêncio, os colegas falavam com ele, mesmo que ele não respondesse. Pediam para ele fazer coisas para eles, mesmo que fosse só apontar um lápis ou devolver livros para a biblioteca. Ficavam atentos para que sempre houvesse um grupo com ele na mesa do lanche, e Frank e Lance iam buscá-lo em casa cada manhã, assim sua mãe não precisava levá-lo para a escola. Ele era convidado para as atividades de classe e festinhas; algumas vezes ainda ele ficava quieto em um canto, distraído e retraído, mas cada vez mais ele ria e falava com os outros – quase sempre uma conversa infantil, mas animado, e visivelmente feliz.

Uma vez, o professor mandou Burton dar um recado e a mãe dele veio até a sala de aula.

- Eu não sei se vocês realmente entendem o quanto significa para meu filho sua compaixão e compreensão, disse aos alunos. Ele se sente parte do grupo – a primeira vez que ele já sentiu 'pertencer' a algum lugar. Eu sei que ele é muito limitado, mas graças à ajuda de vocês, ele está trabalhando inteiramente dentro desses limites, e levando uma vida com algum sentido. Que Deus abençoe a todos.

## **ÁRIES – 20 DE MARÇO A 21 DE ABRIL INICIATIVA**

- Sabe, Sr. Lewis, estava dizendo Paul, nós sabemos que o Conselho da Cidade tem falado muito em providenciar mais parques de recreio, mas nada tem sido feito. Bem, aquele lote estreito que o Senhor tem na Rua 10, está vazio e nós pensamos - bem - nós pensamos que se o senhor quiser, nós poderíamos limpá-lo e montar um parque de recreio. As crianças dessa parte da cidade bem que precisam de um!

O Sr. Lewis observou os dois adolescentes sentados no seu escritório, representantes de uma organização estudantil chamado "ACT!" (Aja), sobre a qual ouvira falar muito ultimamente.

- E como vocês pretendem equipá-lo? perguntou.

- Nós achamos que podemos conseguir doações, respondeu Sara. Deve haver muita gente por aqui cujas crianças já ultrapassaram a fase das balanças e escorregadores do quintal. Também podemos construir alguns tanques de areia, e conseguir de uma companhia de construção a doação de algumas barricas grandes e outras coisas e construir um labirinto que as crianças gostam de atravessar.

- E quanta à segurança? perguntou o Sr. Lewis. Um grupo de crianças pode causar confusão com facilidade se for deixado sozinho, especialmente nessa área.

- Oh, as crianças não vão ficar sozinhas, disse Sara. Muitos membros da nossa associação se ofereceram voluntariamente para passar algumas horas por semana supervisionando o parque de recreio e, assim, poderemos mantê-lo funcionando depois das aulas e nos fins de semana.

Sara hesitou e depois continuou:

- O grande problema vai ser a cerca. Acho que não seremos capazes de construir a mais apropriada, mas esperamos receber bastantes contribuições para mandar colocar uma.

- Nós já falamos com o chefe de polícia e ele já nos autorizou a continuar, acrescentou Paul.

- Um-hum, ponderou o Sr. Lewis - Vejo que vocês já planejaram tudo muito bem. E o que é que eu ganho com isto?

- A satisfação de saber que a sua propriedade está sendo usada para alguma coisa que vale a pena, respondeu Paul rapidamente.

O Sr. Lewis riu. – Então, eu não posso mesmo dizer não, posso? Muito bem, vocês tem minha permissão e minha benção. E, se vocês tiverem dificuldade para erguer a cerca, falem comigo e eu verei o que posso fazer.

- Muito obrigado. Sabemos que o senhor vai ficar satisfeito em ter feito isto, disse Paul.

Trocaram apertos de mãos e os estudantes foram embora. Nas semanas seguintes houve muita atividade no terreno baldio da Rua 10, e também em outros bairros, onde equipamentos de jogos fora de uso eram retirados de porões e garagens e carregados no furgão do pai de Paul. Uma firma local doou vários caminhões de areia, e outra aplicou o asfalto.

Os estudantes limparam e pintaram as peças, construíram tanques de areia, labirintos e uma casa em uma árvore que prometia ser uma grande atração. Conseguiram arrecadar dois terços do dinheiro necessário para a cerca, em uma difícil campanha de casa em casa, e o Sr. Lewis inteirou o que faltava.

Os membros da ACT! passavam todo seu tempo livre trabalhando no, ou para o parque de recreio, e um mês depois da primeira conversa com o Sr. Lewis, Paul voltou para convidá-lo para a cerimônia de inauguração. No dia da inauguração, o parque estava repleto de crianças agitadas e de pais contentes. O prefeito, o chefe de polícia e o Sr. Lewis, todos tinham lugar de honra no palanque. Paul e Sara proferiram algumas palavras adequadas, os pais aplaudiram e as crianças pularam.

Então, o prefeito se levantou:

- Eu vou ser breve, prometeu. Aliás, este é um lugar de recreio, não um lugar para ouvir políticos com muito fôlego. Contudo, não podemos deixar estas crianças estragarem estes brinquedos sem antes agradecer a um belíssimo grupo de jovens que, espero, servirá de exemplo para os garotos. Os adultos desta cidade discutiram os prós e contras da instalação de um parque de recreio por tanto tempo, que nem consigo me lembrar, mas foi necessário que um dedicado grupo de adolescentes nos mostrasse o que é iniciativa e assim conseguiram construir um! Eles merecem nossa admiração e nossos agradecimentos.

Depois de aplausos calorosos, a fita em volta do balanço foi cortada, o Sr. Lewis deu uma escorregada desconfortável no escorregador, o prefeito e o chefe de polícia balançaram ainda menos confortavelmente na gangorra, sob os gritos divertidos da criançada. Afinal, as crianças tiveram permissão de brincar e gritos alegres e risadas encheram o parque de recreio. Os pais também pareciam felizes e Sara ficou particularmente comovida ao observar na multidão muitas fisionomias cansadas se abrirem em sorrisos satisfeitos.

- Não sei como lhe agradecer, disse uma das mães, aproximando-se de Sara e estendendo-lhe a mão. Meus cinco filhos estão sempre atrapalhando lá em

casa, mas eu tenho medo de deixá-los brincar na rua. Agora eles podem vir aqui e eu sei que estarão seguros.

- Eu gostaria de lhe agradecer também, disse um homem. Minha esposa tem estado adoentada e agora ela poderá descansar mais, quando as crianças vierem brincar aqui.

Depois Paul se aproximou de Sara e, um pouco afastados, eles sorriram um para o outro.

- Parece que tomando as rédeas em nossas próprias mãos tivemos um bom desfecho, disse Paul.

- No começo, eu estava com um pouco de medo, admitiu Sara. Mas, quando vi como as pessoas correspondiam e como as coisas iam bem, perdi o medo. Acho que se você planejar cuidadosamente e depois tomar a iniciativa e fizer com determinação o que planejou, os resultados só podem ser bons.



## AÇÃO

Lisa estava novamente sonhando acordada enquanto ia lentamente para casa, observando, pensativamente, as vitrinas por onde passava. Ela sonhava muito acordada, e frequentemente planejava este, aquele ou aquele outro projeto ambicioso. Contudo, raramente executava esses planos. Viu um tecido que seria ideal para o vestido que estava planejando fazer há semanas, mas deixou para comprar no dia seguinte. Não havia necessidade de começar o vestido imediatamente. Justamente nessa tarde, sem motivo algum, deixou passar o prazo para o teste de habilitação para o Drama Club, sem ler o papel que imaginara para si, mas consolou-se com o pensamento de que haveria outras peças e outros testes de habilitação "mais tarde". Uma exposição de cartões de felicitações fê-la lembrar-se que havia planejado há muito tempo desenhar um cartão elaborado para as bodas de ouro de seus avós, que seria daí a dois dias.

- Bem, acho que afinal não dá mais tempo, disse para si mesma. Amanhã eu comprarei um cartão.

Quando chegou em casa, sua mãe estava misturando os ingredientes de uma nova receita.

- Oh, eu ia bater isso ontem para come-lo hoje, disse Lisa.

- Eu sei, querida, você disse que ia fazer, respondeu sua mãe resignadamente, mas, como você não chegou a fazer, eu achei melhor fazer agora.

Lisa estava descendo as escadas para a sala de jogos e parou ao ouvir a voz de sua irmã ao telefone.

- Eu sei que ela prometeu angariar donativos neste bairro, mas você sabe que não podemos contar com ela. Ela está sempre dizendo que vai fazer alguma coisa e nunca faz. A campanha se encerra sexta-feira e ela ainda nem



começou. A Sra. Marshall disse que ela tem uma pilha de roupas usadas, mas que vai doa-las para o seu grupo da igreja, se nós não formos busca-las logo. A irmã de Lisa era presidente do clube de auxílios das meninas do ginásio, que estava patrocinando uma campanha de angariar roupas para crianças de outros países. Lisa, com seu entusiasmo habitual, tinha dito:

- Claro, eu apanharei as do nosso bairro. Apenas algumas casas por dia e em duas semanas terei todas as roupas. Agora, ela se lembrava bem do olhar desconfiado de sua irmã, quando disse:

- Você tem certeza que vai fazer?

Sua resposta foi zangada:

-Eu disse que vou, não disse? - Eu acho que minha irmã tem razão, pensou Lisa, com remorso. As pessoas não tem podido confiar muito em mim. Bem, eu vou lhes mostrar. Eu vou apanhar essas coisas agora, mesmo que já seja um pouco tarde. No princípio, sua mãe relutou em lhe emprestar o carro, mas quando Lisa explicou que queria reparar sua preguiça anterior e recolher nessa tarde todos os donativos em roupas de seu bairro, e quando viu a expressão rara e decidida de Lisa, ela cedeu. Algumas horas depois, a família ia começar a jantar quando Lisa entrou impetuosamente em casa.

- O banco de trás e o porta-malas do carro estão cheios de roupas usadas, disse tão informalmente como pede, para sua irmã. Se a mamãe deixar, eu as levarei amanhã para a escola.

- Você quer dizer que você conseguiu arrecadar tudo? perguntou a irmã maravilhada.

- Sim, consegui. disse Lisa. Daqui por diante acho que as pessoas podem começar a confiar em mim um pouco mais.

- Oh, está tudo bem, sorriu ao ver sua irmã ficar vermelha.

- Eu ouvi o que você disse no telefone, e doeu no começo, mas agora estou contente por ter ouvido. Acho que muita gente ficou desgostosa comigo por eu não cumprir o prometido, mas tudo vai mudar. Já é tempo de eu me corrigir.

- Você não imagina como eu estou feliz em ouvir você dizer tudo isso, Lisa, disse sua mãe. Nós estávamos imaginando o que fazer com você, e todos os seus planos que nunca se concretizavam em ação, Acho que não teremos mais com que nos preocupar.

- Você não terá que imaginar ou se preocupar, disse Lisa sorrindo. E, de agora em diante, quando eu disser que vou assar um bolo, eu vou mesmo!

Lisa comeu pensativamente por alguns minutos e depois disse:

- Sabem, eu acho que é mais interessante fazer coisas do que apenas pensar em faze-las. Eu realmente me sinto como se tivesse feito hoje alguma coisa muito importante. Acho que é isso que as pessoas chamam de 'uma sensação de satisfação'. E há outra coisa que as pessoas dizem que eu vou começar a lembrar: 'atos falam mais alto do que as palavras'. - Puxa, estamos tendo esta noite uma boa dose de filosofia, disse rindo o pai de Lisa. Conheço algumas pessoas na fábrica que poderiam fazer uso destes ensinamentos. Será que você poderia ir lá e nos dar uma palestra sobre ação?

- Talvez eu deva esperar até ter um pouco mais de prática, disse Lisa sorrindo. Entretanto, se vocês me derem licença, eu quero fazer um cartão de aniversário para a vovó e o vovô. Eu posso fazer um bem bonito se eu começar agora mesmo!



**TOURO – 21 DE ABRIL A 22 DE MAIO**  
**HARMONIA**

Ouviu-se uma resposta muito zangada de uma das vozes alteradas lá em cima, uma porta foi batida e tudo ficou em silêncio. A mãe suspirou. Os meninos estavam brigando de novo – aliás, o que eles tinham feito toda a vida e quanto mais cresciam, mais isso incomodava. A sua diferença de idade era apenas de um ano, tinham os mesmos amigos e interesses, iam bem na escola e seus pais não conseguiam saber qual a razão da desinteligência contínua entre eles.

- Bruce, Don, venham aqui, chamou a mãe. Eu quero falar com vocês.

Eles desceram devagar, adivinhando porque a mãe os estava chamando. Ela e o pai se preocupavam tanto com suas brigas, mas eles até que se divertiam. Preocupados, eles sentaram-se na beirada das cadeiras, ansiosos por dar o fora, enquanto a mãe perguntou:

- O que foi desta vez?

- Oh, nada, mãe, disse Don, confuso.

- Quer dizer que foi por uma coisa tão bobá que você nem quer me contar, não é? Perguntou a mãe.

- Acho que sim, foi a resposta hesitante. Por que você e o papai se preocupam tanto com nossas brigas? Nós não perturbamos vocês.

- Não mesmo? Perguntou suavemente a mãe. Lembram-se do concerto que assistimos a semana passada? Até vocês gostaram! Eles concordaram. Agora me digam, exatamente, por que vocês gostaram tanto da música?

- Bem – ela soava boa, disse Bruce depois de uma pausa.

- Teria sido assim tão boa se os pistonistas e os violonistas estivessem tocando uma melodia diferente da que estava sendo executada pelo resto da orquestra, ou só tocassem quando e como eles quisessem em vez de obedecer ao maestro? Continuou a mãe.

- Claro que não, respondeu Bruce.

- Então, o que os músicos devem fazer antes que um orquestra possa tocar peças que soem boas?

Bruce e Don se entreolharam, achando que a conversa estava se tornando muito infantil e imaginando onde a mãe queria chegar.

- Bem, acho que eles precisam tocar juntos, disse Don. Se eles não o fizerem, então a música também não estará combinando.

- Certo, disse a mãe. Não será harmoniosa. Agora eu quero que vocês ambos pensem no seguinte. Nossa vida aqui em casa, sua vida na escola, a vida do papai no escritório, tudo pode ser comparado ao trabalho de um músico na orquestra. Todas as pessoas desta casa tocam juntos a mesma música. Todos os alunos da escola tocam juntos a mesma peça musical. Todos os trabalhadores do escritório do papai tocam juntos a mesma peça musical. Se todos os músicos se harmonizarem uns com os outros, a música será boa e agradável para todos, mas se um só dos músicos se recusar a harmonizar-se com os outros, a música ficará prejudicada e será desagradável para os que a estão executando ou os que a estão ouvindo. Quando um aluno da sua classe causa problemas, o que acontece?

- O professor fica louco, e algumas vezes nós também ficamos, disse Don.

- E os outros conseguem aprender as lições quando isso acontece? Perguntou a mãe.

Os rapazes abanaram as cabeças.

- E o que vocês acham que acontece quando alguém no escritório do papai se recusa a cooperar com os outros ou a fazer o seu trabalho?

- Com certeza será despedido, disse Bruce.

- Claro, se isso durar muito. Bem, eu não posso despedir vocês, a mãe continuou e os garotos sorriram embaraçados, mas com certeza eu não posso fazer o meu trabalho com tranquilidade, nem o papai, quando vocês estão no meio de uma discussão. Quando vocês brigam, ou lutam, ou o que quer que vocês chamem a isso, vocês estão perturbando a harmonia da nossa casa e, pelo fato da harmonia estar perturbada, as pessoas da casa ficam perturbadas e a vida não é tão agradável como seria se houvesse harmonia.

Os rapazes ficaram em silêncio por algum tempo. Por fim, Bruce disse:

- Acho que nós nunca pensamos nisso deste modo.

De vez em quando, você e o papai também discutem - mas nunca como Don e eu, acrescentou depressa, e nós sempre nos sentimos mal quando vocês discutem. Deve ser por causa disso.

- Mas nós nunca pensamos que quando nós estamos brigando isso pudesse fazer vocês se sentirem assim, acrescentou Don. Acho que nós também somos parte da música nesta casa.

- Vocês são mesmo, sorriu a mãe, muito mesmo. Vocês dois são tão importantes nesta família como qualquer um de nós, e o que vocês fazem ou como vocês agem nos afeta a todos.

- Muito bem, companheiro, Bruce disse para Don, vamos tentar ser mais harmoniosos? Eu não vou mais desafinar se você também não sair do tom.

- Concordo, disse Don e, rindo, os rapazes trocaram um aperto de mãos.

- Minha senhora, disse Don, ainda rindo para a mãe, a sua orquestra vai ser bem mais afinada daqui por diante. Acho até que você deve começar a cobrar para os concertos.

A mãe sorriu, olhando seus filhos subirem a escada, pela zombaria bem humorada deles, bem diferente das palavras ofensivas que usaram na sua última briga.

- Por que eu não pensei nisto antes, disse para si mesmo. Eu tive sempre a certeza que, bem lá no fundo, esses rapazes eram muito amigos um do outro. Vai ser maravilhoso ter uma prova disso, de hoje em diante.



## ESTABILIDADE

Quando o caminhão da mudança foi embora, Bill e Sue deram uma olhada nos seus quartos. Os tapetes e a mobília pesada estavam nos seus lugares, mas ainda tinha muita coisa espalhada e em desordem. Sue entrou desconsolada no quarto de Bill e sentou na cama.

- Bem, parece que afinal estamos aqui, disse com resignação.

- Ânimo, maninha, disse Bill, que era três anos mais velho e sempre um amigão para sua "irmãzinha". Você vai se ambientar, fazer novas amizades, e em um mês vai parecer que você sempre morou aqui.

- Talvez seja para você, mas não para mim. Lá eu tinha a minha turma, a praia aos sábados, o time de basquete, a sociedade de canto - e aqui eu não conheço ninguém.

-- Você vai conhecer gente, e aqui também eles devem ter time de basquete, coral; não tem praia, mas tem montanhas - você pode aprender a esqui. Pense nisso! Depois, lembre-se que papai tem que começar em um emprego completamente novo. Nós também vamos começar em uma nova escola.

- Eu sei, eu sei, suspirou Sue, e mamãe teve que deixar o vovô e a irmã e o seu clube – mas ainda assim eu acho que é mais fácil para qualquer um de vocês do que para mim.

Sue saiu e começou a pôr as coisas nos lugares, sem o menor entusiasmo.

Tanto quanto ela podia se lembrar, as situações novas sempre a perturbaram. Quando estava no jardim da infância chorou todos os dias, durante uma semana, antes de se acostumar com a ideia da escola. Mais tarde, mesmo sendo uma boa estudante, ficava desesperada na época de provas. Ficava nervosa antes de ir a alguma festinha, embora se divertisse bastante depois.

Mas agora, mudando para mais de 1.600 km de distância da sua cidade, onde não conhecia ninguém e tinha que começar tudo de novo, sentia-se mais aflita do que nunca.

Como é que Bill podia estar tão calmo? Ela pensava.

Amanhã ele iria para a escola sorrindo e voltaria com um montão de amigos e contando coisas interessantes.

E ela? Por que é que ela não poderia, pelo menos uma vez, fazer o mesmo? Ainda ontem a mamãe estava dizendo que ela precisava começar a ser mais segura. Coisas inesperadas iriam aparecer durante toda a sua vida – não devia deixar que elas a perturbassem tanto. Sue sabia que a mãe tinha razão - ela iria ficar um trapo se continuasse assim pela vida afora!

Na manhã seguinte seu coração estava batendo acelerado e nem queria ouvir falar em tomar o café da manhã. Contudo, apareceu com um alegre "bom dia", esforçou-se para manter-se calma e comer normalmente. Mais tarde, apresentou-se na secretaria da escola, fez a matrícula e foi encaminhada para uma classe. Seu pior momento foi ao entrar na sala de aulas, apresentar-se a professora e sentir todos os olhares sobre ela. Em vez de encolher-se, ficou ereta, continuou sorrindo, respondeu com segurança as perguntas gentis da professora, e depois, embora seu coração parecesse querer sair pela boca, ela sorriu e acenou para os colegas mais próximos enquanto sentou-se no seu lugar.

Daí por diante, tomou-se tudo mais fácil. Duas colegas imediatamente se tornaram suas amigas, e no recreio lhe falaram muito sobre a escola e as atividades do bairro. Soube que uma delas morava pertinho dela, na mesma rua, e que um rapaz da sua classe tinha sido colega de seus primos em Pittsburgh. Quando seus colegas souberam que ela nunca tinha esquiado e muito poucas vezes vista neve, convidaram-na para entrar para o clube de



esqui, que ia fazer uma excursão nas montanhas na próxima semana. Voltou para casa trocando confidências com sua nova amiga e prometeu esperá-la na manhã seguinte.

Bill, como era de se esperar, durante o jantar, falou pelos cotovelos; seu dia tinha sido um sucesso brilhante. O papai também tinha se dado bem com seus novos associados, e a mamãe, desempacotando livros tinha ficado muito contente quando as vizinhas vieram com um ensopado e uma sobremesa para o jantar.

- Bem, Susie, perguntou o pai, como foi o seu dia?

- Ótimo! exclamou entusiasmada.

A mãe e o pai ficaram surpresos e Bill sorriu.

- O pessoal quer me levar para esqui na semana que vem - o treinador vai me ensinar. Mas eu preciso de esquis, papai.

Sue olhou para o pai, interrogativamente.

- Acho que isso se pode arranjar, sorriu o pai.

Então, você teve mesmo um bom dia. Hein?

- Oh, sim, disse Sue. Não sei por que eu estava tão preocupada antes. Os garotos são legais - vou adorar tudo aqui. Depois ficou pensativa. Sabe, mamãe, você tinha razão sobre eu me sentir segura. Só porque uma coisa é diferente não significa que seja ruim. Acho que o mais importante é ficar calma por dentro e agir com calma, aconteça o que acontecer, e se você pensar que tudo vai dar certo, vai mesmo.

- É isso mesmo, meu bem, disse a mãe. E agora acho que sou eu que devo ter calma, porque parece que vamos ter que investir em uma roupa de esqui para acompanhar os esquis!

## GÊMEOS – 22 DE MAIO A 22 DE JUNHO RACIOCÍNIO

- O problema, Dennis, não é que você *não possa*, mas que você *não quer* – estava dizendo o Sr. Norton – Não tem motivo para você não pode resolver esses problemas tão bem como qualquer um na aula de física, se você se propuser a parar e tentar resolvê-los. Segundo as leis da física, determinadas causas sempre produzem determinados efeitos, e, se você sabe quais são essas leis, não é difícil raciocinar como elas vão proceder sob condições específicas. Ouvi dizer que você é campeão de esqui e também surfista, não é?

- Hum, bem, sim, acho que sim - Dennis concordou surpreso.

- Bem, para esqui e fazer surfe não há certas regras de movimentos que você deve conhecer bem? Você não tem que estar preparado para ondas que quebram de diferentes maneiras, sobre correntes submarinas, sobre o grau de inclinação do declive de uma montanha, da velocidade que você desenvolve, e a que ângulo e como tomar uma curva, e muitas outras considerações dessa espécie?

- Sim, claro- disse Dennis -mas eu nunca pensei sobre todas essas coisas como leis da física.

- O que mais poderia ser? - Perguntou sorrindo o Sr. Norton.

- Bem, divertimento...quero dizer...puxa - gaguejou Dennis - eu não paro para pensar em tudo isso todas às vezes. Acho que apenas *sinto*.

- Claro. Já se tornou automático em você. Se você tivesse que parar e resolver isso cada vez, você não iria muito longe com os esquis *ou* na prancha de surfe. Mas, quando você estava aprendendo, você tinha que estar muito mais atento sobre todas as possibilidades e muito mais consciente de que cada passo que você desse poderia trazer tal ou qual resultado. Você não passava horas com

seu instrutor de esqui, sem esquiar, mas estudando com ele todas essas coisas, matematicamente, na ponta do lápis?

- Sim, e eu também não gostava muito disso - Dennis fez uma careta.

- Não, Dennis, não acho que você gostasse, do mesmo modo que você não gosta de sentar aqui na classe e resolver os problemas de física. Você é um jovem ativo, e quer estar sempre se movimentando. Mas, chegou a hora de você aprender a usar sua cabeça, da mesma maneira que você usa seus talentos para o atletismo. Essas sessões de teoria com o instrutor não foram valiosas?

- Acho que sim - concordou Dennis - acho que eu não teria progredido tanto sem elas.

- É isso mesmo. Há muitos esquiadores amadores que nunca tiveram essas aulas, mas sem elas você não teria chegado ao grau de campeão. Acredite ou não, a física, ou qualquer outra matéria que ensine a praticar suas possibilidades de raciocínio, valem a pena, muito mesmo. Não tenho dúvida de que você tem uma boa cabeça - continuou o Sr. Norton - mas a mente precisa ser exercitada, da mesma maneira que o corpo. Bem, quero que você pegue esta folha de problemas e tente resolvê-los neste fim de semana. Aplique o que você aprendeu em classe e, se você não aprendeu tudo que foi dado, que eu acho que é o caso, torne a ler o livro de texto. Vamos ver se segunda-feira você traz os problemas resolvidos da melhor maneira possível.

Na manhã seguinte, de má vontade, Dennis atacou os problemas. Sua maior dificuldade era concentrar-se, e teve que tentar recomeçar várias vezes durante o dia até conseguir trabalhar seriamente, bem no fim da tarde. Contudo, quando conseguiu fixar sua mente no trabalho, achou, como dissera o Sr. Norton, que as respostas se adaptavam, mais ou menos, nos lugares certos se ele tentasse resolvê-las com lógica. Certas causas sempre *tinham* certos efeitos e, quando

encaradas com uma série de fatores, não era muito difícil, usando o raciocínio e o processo de dedução, determinar o efeito composto que poderia resultar.

No domingo, quando ele atacou a última parte da sua tarefa, Dennis descobriu que estava ansioso pelo desafio - que era divertido tentar resolver os problemas com raciocínio. Sorriu quando se lembrou das palavras do Sr. Norton sobre exercitar a mente. De certo modo, estava sendo tão agradável quanto exercitar seus músculos nas rampas de esquis. Ele sabia que não podia ficar sentado quieto por muito tempo - como o Sr. Norton havia dito, ele era agitado - mas se ele dedicasse curtos períodos de tempo para “exercitar a mente”, e pudesse concentrar-se nisso, apenas nisso, nesse espaço de tempo, talvez ele conseguisse tornar também a sua mente em um instrumento de campeonato. Certamente, *não* era tão difícil resolver os problemas sozinhos.

No dia seguinte, Dennis sorria ao entregar o trabalho ao Sr. Norton.

- Não sei se eu deveria admitir isto, disse, mas eu me diverti fazendo esses problemas quando finalmente consegui entendê-los.

- Eu pensei que isso ia acontecer - sorriu o Sr. Norton - Desafios mentais, a seu modo, são tão satisfatórios quanto os desafios físicos, e quanto mais você desenvolver o seu poder de raciocínio, mais oportunidades você terá de vencer toda espécie de obstáculos que venha a enfrentar durante toda a sua vida.

- Acho que o senhor pensou que eu era um desses atletas musculosos que mal sabem escrever seu próprio nome - sorriu Dennis.

- Tolice - disse o Sr. Norton - se eu pensasse assim não teria me preocupado em falar com você como fiz ou ter-lhe dado àqueles problemas. Eu sempre soube que você tinha capacidade de raciocinar, se você conseguisse sentar e tentar. Na verdade, muita gente tem boa capacidade de raciocínio, mas este talento é como qualquer outro: tem que ser cultivado.



## VERSALIDADE

- Eu vou tentar, disse Gwen. Não deve ser difícil.

Gwen, nunca havia trabalhado como balconista ou feito troco antes, mas quando Jean ficou doente, alguém tinha que tomar conta da barraca das Bandeirantes no bazar, e Gwen se ofereceu como voluntária.

Gwen sempre estava disposta a experimentar qualquer coisa nova e sempre com sucesso. Podia-se contar com ela para intervir e ajudar em qualquer emergência, e se lhe pedissem para fazer alguma coisa que ela desconhecesse, ela se esforçava até aprender. Ela sabia cozinhar e fazia suas roupas, fazia parte do clube de teatro era secretária de sua classe, tirava boas notas, gostava de crianças e, frequentemente, bancava a babá.

- De fato- dizia sua irmã Jô, mal humorada - Gwen sabe fazer de tudo. Tem gente que tem muita sorte.

- Na verdade não é somente sorte- a mãe tentou dizer-lhe muitas vezes - Gwen decide que vai conseguir o que quer que se proponha, e trabalha até conseguir. Ela não tem medo de *tentar*.

Contudo, Jô nunca quis aceitar essa explicação e continuou a insistir que as habilidades de Gwen eram pura sorte.

- Como é que vai indo? - Perguntou Jô, parando na barraca das Bandeirantes.

- Bem - disse Gwen - Tenho tido muitos fregueses, é bem divertido. Escute Jô, você pode tomar conta um pouquinho? Já passou muito da hora do almoço e eu estou morrendo de fome.

- Eu não sei o preço das coisas, não sei nada - protestou Jô - e eu vou ficar toda enrolada fazendo troco. Eu trago um sanduiche para você, se você quiser.

- Oh! Por favor, Jô. Eu queria sair um pouquinho daqui. Os preços estão todos marcados e fazer troco não é tão difícil, se você *contar*. Por favor?

Jô concordou, relutante, em assumir a barraca por uma hora, e a primeira freguesa apareceu assim que Gwen virou as costas. Atrapalhada, Jô procurou os preços nas mercadorias e embaralhou tudo fazendo o troco. A cliente parecia aborrecida e Jô se surpreendeu por ela ter comprado alguma coisa.

- Eu preciso melhorar - suspirou consigo mesma - Como e que eu fui me meter nisto?

Vários outros clientes se aproximaram. Desta vez, Jô respirou fundo e disse:

- Desculpem se eu for um pouco lenta. Eu comecei agora mesmo e estou ainda Tateando. Bem, o que é que vocês querem ver?

Os clientes se mostraram pacientes, Jô percebeu a sua boa vontade e, sentindo-se mais tranquila, concluiu as vendas com mais segurança. À medida que outros clientes foram chegando, Jô descobriu que ela aprendera a maioria dos preços e percebeu que fazer troco era bem simples se ela prestasse atenção.

Quando Gwen voltou, encontrou Jô elogiando uma mercadoria para uma freguesa, e se comportando como se tivesse trabalhado numa barraca toda a vida.

- Já de volta? - Perguntou Jô - Por que você não descansa mais um pouco ou faz qualquer coisa? Estou me divertindo tanto.

- Então fique aqui me ajudando, riu Gwen. Parece que hoje tem muita gente aqui e vamos precisar de duas pessoas.

Muitos clientes vieram nessa tarde e Gwen achou muito bom ter a ajuda inesperada de sua irmã. A mercadoria foi vendida rapidamente e em um dado momento, Jô comentou:

- Gostaria que houvesse mais coisas em estoque. No próximo ano já sabemos que deveremos ter um maior sortimento.

Gwen sorriu, lembrando o quanto Jô relutou em se meter com o bazar, quanto mais de trabalhar como vendedora. Será que Jô se tornaria uma das grandes colaboradoras para o bazar do próximo ano?

Algumas horas depois, a mãe delas ficou surpresa por veias juntas na barraca, Jô trabalhando com tanta segurança e jeito como Gwen. Ficou observando de longe e depois, sem ser percebida pelas meninas, seguiu seu caminho.

Nessa tarde, Gwen colocou na fazenda o molde para seu vestido novo e começou a cortar. Jô observava criticamente.

- Não parece muito difícil - disse - Aposto que eu posso fazer isso.

- Claro que pode - disse Gwen - Tudo que você tem a fazer é ler a indicação e segui-las.

- Acho que vou comprar um tecido amanhã e experimentar - murmurou Jô - Sabe, é muito divertido tentar fazer coisas novas. Se alguém me tivesse dito hoje de manhã que eu estaria conduzindo uma barraca, e que acabaria *gostando*, acho que teria voltado imediatamente para a cama! Mas, eu consegui fazer tudo sem dificuldade depois daqueles primeiros erros e, acredite ou não, fiquei triste quando chegou a hora de ir embora.

A mãe aproximou-se com um prato de doces de chocolate.

- Bem, Jô, vejo que você também teve sorte hoje - sorriu ela.

- Hein? - Jô olhou-a, confusa - Oh! Isso! Bem - ela explicou para a mãe - Não foi realmente sorte, sabe. Eu resolvi que ia fazer o que me propus e batalhei até conseguir. Eu posso fazer qualquer coisa. Entendeu?

- Entendi - riu a mãe - e também percebi que tenho em minhas mãos *duas* garotas versáteis. Acho que vou ter que me esforçar muito para me igualar a vocês. Que tal isto como começo?

Ela apresentou o prato e as duas garotas avançaram nos doces de chocolate.





## CÂNCER – 22 DE JUNHO A 23 DE JULHO TENACIDADE

Marsha recuou, sufocou um gemido em sua garganta e sentou-se novamente na cama.

- Dói - disse com uma careta.

- Sim, dói, mas quanto mais você demorar em usar a sua perna, mais difícil será para andar de novo - disse o Dr. Miller, que se mostrou inflexível.

Marsha achou que ele era desumano. Ela tinha sofrido um acidente algumas semanas antes, mas agora estava melhorando rapidamente, menos a perna. Ainda estava inchada, e os ligamentos e músculos afetados protestavam cada vez que ela se mexia. O doutor quis que ela ficasse em pé sobre essa perna nos últimos dias, mas a dor era insuportável e ela continuava se recusando a tentar.

- Não posso Doutor - choramingou Marsha - Dói!

- Muito bem, você é quem sabe - disse o médico - mas você vai ter alta dentro de alguns dias. Nós precisamos desta cama para pacientes que estão realmente doentes. Você acha que sua mãe vai carregar você para lá e para cá quando você voltar para casa?

E com isso ele saiu do quarto .

Marsha começou a chorar baixinho. Aquele médico era tão mau. Era muito fácil ele falar - não doía *nele*. E porque ele tinha que falar aquilo sobre a mamãe? Ela também estava no acidente e embora não tivesse ficado ferida, ela estava muito abalada e preocupada com Marsha, e estas semanas não tinham sido fáceis para ela. E é claro que ela não podia carregar Marsha pra lá e pra cá na casa!

Marsha parou de chorar e ficou deitada, quietinha algum tempo, olhando para o teto e pensando. Depois se sentou.

- Muito bem - disse em voz alta - eu vou mostrar para esse médico!

Cautelosamente, ela deslizou da cama, e gemeu quando se apoiou na perna doente. Doía mesmo, e, por um momento, tudo pareceu escurecer ao seu redor. Ela se agarrou na mesa de cabeceira e esperou passar a tontura. Deu um passo, depois outro, e ainda que a dor não diminuísse, havia um alívio quando levantava a perna ferida e se apoiava na outra.

- Bem - pensou - tudo que preciso fazer é pensar como vai ser bom apoiar no pé esquerdo, depois de levantar o pé direito. De qualquer maneira, já é alguma coisa.

Marsha manquitolou ao redor do quarto por várias vezes e finalmente caiu na cama, extenuada pela dor. Adormeceu quase que imediatamente e só acordou na hora do almoço. À tarde, tentou de novo e, embora a dor não tivesse diminuído ela achou um pouco mais fácil andar. Não falou a ninguém sobre a sua façanha. A mãe não desconfiou que Marsha já pudesse estar andando, e o Dr. Miller, que a examinava por um minuto, não falou mais no assunto.

No dia seguinte, depois do café da manhã, quando a enfermeira tinha saído, Marsha saiu da cama outra vez. A dor era ainda bem forte, mas Marsha raciocinou que era por não ter se apoiado naquela perna durante toda a noite e, então, ela se apoiou nela firmemente. Novamente teve a sensação de “escurecimento”, e novamente Marsha suou frio e aguentou e depois começou o seu passeio ao redor do quarto. Gradualmente a dor pareceu diminuir e ela não ficou tão exausta como no dia anterior. Quando à tarde tornou a experimentar, a dor foi menor e, na manhã seguinte, embora ainda desagradável, Marsha percebeu que andar já era bem mais suportável.

Ela se levantou muitas vezes durante o dia, mas só quando estava sozinha, e achava que ninguém sabia o que ela estava fazendo. Nessa tarde, durante a visita de sua mãe o Dr. Miller chegou.

- Sra. Fulton, vamos dar alta para Marsha amanhã; acho que a senhora vai querer alugar uma cadeira de rodas.

- Sim - suspirou a mãe de Marsha - e também vou ter que transformar o sofá em cama. Vai ser difícil até que Marsha possa andar.

Marsha calmamente levantou o cobertor e ficou de pé.

- Para que você quer uma cadeira de rodas, e por que eu não posso dormir lá em cima na minha cama? - perguntou ela, atravessando o quarto e olhando casualmente pela janela.

Dr. Miller tentou esconder um sorriso e a Sra. Fulton olhava espantada.

- Ela está *andando* - ela disse ao doutor, sem poder acreditar.

- Sim, está. Ela vem fazendo isso nestes últimos dias e eu sei o quanto doeu no começo.

Marsha voltou-se.

- Como é que soube? - perguntou.

- Minha querida - disse Dr. Miller bondosamente - *nós temos* que averiguar o que nossos pacientes estão fazendo. Teria sido prejudicial a você andar quando você não deveria fazê-lo. Mas, em determinado momento, você precisava começar, e nós estamos orgulhosos de sua força de vontade. Valeu a pena, não acha?

Marsha sorriu.

- Sim, valeu. Acho que se alguma coisa vale a pena mesmo, é importante começar e seguir em frente, por mais difícil que seja. Obrigada por ter-me incentivado a fazê-lo, doutor.

A mãe de Marsha, surpresa, perguntou:

- O senhor estava usando uma terapia que eu não conheço, Dr. Miller?
- Sim, estava, e suponho que por um tempo Marsha achou que eu era um bruto insensível e sem coração. Mas, como vocês veem, obtivemos ótimos resultados.

No dia seguinte, devagar, mas sem desanimar, Marsha subiu as escadas até o seu quarto. Ela sabia que mais uma semana, já estaria correndo para cima e para baixo como antes do acidente. Que horror, pensou, se ainda tivesse que dar aqueles primeiros passos dolorosos.



## AMOR AO LAR

- Divirta-se e não se preocupe - gritou Amy quando sua mãe subiu no avião. Amy esperava poder dirigir a casa enquanto a mãe estivesse fora, por uma semana, visitando o irmão, e achava absurdo que sua mãe tivesse medo de deixá-la tomando conta de tudo na casa.

Eram as férias da primavera, assim Amy estava livre para se dedicar inteiramente ao lar e à família, e para ela isso era tão divertido como se viajasse. Já tinha planejado uma série de jantares elaborados para seu pai e seus dois irmãos, e tinha prometido aos garotos fazer panquecas todas as manhãs, se eles quisessem. Iria forrar os armários da cozinha com novo papel de prateleira, preparar uma quantidade de pratos que pudessem ser congelados, assim a mãe não teria que ir para a cozinha logo que chegasse em casa, e talvez até pintasse o seu quarto. Mas, seu grande projeto sobre o qual não tinha falado nada, era fazer cortinas novas para a sala de visitas. As velhas estavam desbotadas, e a mãe já tinha, algumas vezes, falado vagamente em substituí-las.

Na volta do aeroporto, Amy parou para comprar o tecido – uma linda cor bronze-dourada que ia combinar com o tapete e clarear a sala. Ela queria começar a fazê-las imediatamente, mas, como já era tarde, achou melhor começar a preparar o jantar e esperar para começar as cortinas da manhã seguinte.

De manhã, os garotos reclamaram sobre suas panquecas e Amy teve que preparar duas receitas, senão ela ia ficar sem nada. Quando ela estava lavando a louça, seu irmão mais velho avisou que estava lavando um botão na sua camisa e que sua calça precisava ser passada. Recusou-se a seguir a sugestão de Amy para que usasse outra coisa, por isso ela teve que cuidar das suas roupas. Mais tarde, quando estava arrumando as camas, seu irmãozinho se

queixou que não conseguia achar luva de beisebol porque a mamãe tinha arrumado o quarto. Amy achou-a dentro do armário, no lugar certo.

Depois, como era sábado, achou melhor limpar a casa antes de começar as cortinas, e mal tinha guardado o aspirador, os rapazes chegaram pedindo o almoço. Aí, ela se lembrou de que ainda não tinha ido fazer as compras, nem mesmo tinha feito à lista. Depois do almoço, preparou os cardápios para a semana, foi fazer compras e voltou para casa carregada de mantimentos e muito cansada. Ela se recostou por meia hora com uma revista e depois, tendo já passado o vestido que ia usar nessa noite e regado às plantas de dentro de casa, achou que era muito tarde para começar o seu grande projeto.

O domingo estava todo preenchido com a ida à igreja, jantar de domingo para o qual os avós tinham sido convidados, um convite à tarde para uma partida de tênis e assim, sendo, na segunda feira, Amy estava ocupada lavando, passando roupa e cozinhando de novo. Tinha prometido tomar conta das crianças do vizinho na terça-feira, e embora conseguisse cumprir a rotina caseira, com duas crianças pequenas no meio do caminho, ainda não tinha conseguido começar as cortinas. Na quarta-feira de manhã, Amy achou melhor arrumar a desordem que se acumulou no quarto de seu irmão menor, uma vez que ele havia ignorado seu pedido para que ele mesmo arrumasse. Conseguiu também, limpar e forrar de novo os armários da cozinha. Na quinta-feira, uma nova pilha de roupa suja já tinha se acumulado e Amy estava no meio dessa operação, quando o super entusiasmado cachorro apareceu coberto de lama na qual ele tinha rolado. Amy achou que não tinha alternativa senão dar-lhe um banho, depois do qual ela estava ensopada. Seu irmão perguntou se dois de seus amigões, com quem estivera brincando, podiam ficar para almoçar, e Amy se viu de repente preparando milk-shakes e outros petiscos favoritos para aqueles garotos de onze anos. Depois seu pai telefonou para dizer que ele tinha elogiado tanto a comida que ela fazia, que o seu chefe praticamente tinha se convidado, mais a esposa, para jantar, ela se

importava? Na realidade Amy não se importava – ela tinha confiança nos seus dotes culinários – mas claro que isso implicava em arrumar a casa e fazer o jantar, verificar se o irmãozinho estava bem limpo e se tinha "lavado atrás das orelhas".

Na sexta-feira de manhã, Amy anunciou, desesperadamente, à sua família espantada, que ela ia passar o dia todo costurando cortinas, que os garotos teriam que arrumar suas camas e se arrumar na hora do almoço, e que nesse dia, tudo que ela ia fazer para eles era preparar o jantar. O pai deixou a mesa do café da manhã sorrindo e os garotos resmungando, mas quando eles voltaram para casa nessa tarde, as cortinas novas estavam penduradas, e até os garotos elogiaram muito.

Sábado foi dedicado à limpeza da casa para a mamãe ficar contente. Amy ficou acordada até tarde no sábado e dormiu até mais tarde no domingo e teve que correr com seu trabalho da casa. Depois da igreja, eles foram buscar a mamãe no aeroporto e no caminho a mãe perguntou:

- Bem, Amy, que tal tomar conta de uma casa?

- Eu gosto – eu realmente gosto tanto quanto imaginei que ia gostar. Mas, como é que você acha tempo para fazer todas as coisas que você faz?

A mãe riu da cara perplexa de Amy.

- Isso vem com a prática, meu bem. Você foi muito bem esta semana, e você será uma ótima dona de casa, algum dia.

☆☆☆☆☆☆☆☆

## LEÃO – 23 DE JULHO A 24 DE AGOSTO LIDERANÇA

A classe estava uma loucura quando Jeff entrou e olhou em volta, com surpresa. Por causa de sua função de monitor, ele chegava alguns minutos atrasado as manhãs e a classe, geralmente, já estava trabalhando. Hoje, contudo, havia grupos espalhados falando e rindo, alguns rapazes estavam com os pés em cima das carteiras, fingindo que estavam dormindo, uma bola de papel jogada da outra ponta da sala atingiu uma garota que gritou, e o barulho era ensurdecedor.

Obviamente a Sra. Trask ainda não havia chegado e não tinha substituta. A rapaziada também estava *aproveitando o máximo*. Alguns, tampando os ouvidos, tentavam ler, mas a maioria parecia estar adorando o feriado.

- Hei Jeff, junte-se a nós - gritou um deles, e ele se dirigiu para um grupo que fazia planos para o fim de semana.

- Não é o máximo? - dizia um garoto corpulento que estava com problemas para continuar no time de futebol por causa de suas notas - Eu não fiz a lição de história e se ela não vier hoje, eu estarei salvo!

- Eu te pego amanhã - falou Jeff franzindo a testa.

Pensei que você fosse fazer um esforço; você sabe que faz falta no time.

- Está certo, Capitão, está certo - o rapaz se inclinou ironicamente fazendo uma careta - mas eu ainda estou contente que ela não esteja aqui.

Outro rapaz passou correndo, perseguido por uma garota que gritava:

- Marty, me dá minha bolsa!

Jeff esticou o braço e com mão forte agarrou o ombro de Marty.



- Devolve a bolsa. Você não está mais no primeiro ano, está? - disse severamente.

- Traidor! - resmungou Marty, mas devolveu a bolsa.

Jeff, com as mãos nos bolsos, ficou observando mais um pouco, franzindo a testa. O barulho estava aumentando, os dois agitadores da classe estavam planejando algo ruim, e as coisas ameaçavam chegar a ficar incontroláveis.

Jeff pensou um pouco e endireitou os ombros.

Depois, andou a passos largos para frente da sala, bateu na mesa com uma régua.

- Muito bem, turma, relaxem - berrou.

Alguns olharam, mas levou alguns minutos para obter silêncio.

- Não admito que nos chamem de irresponsáveis, se nos comportamos desta maneira quando nos deixam sozinhos - disse Jeff, firmemente.

- Vejam quem está querendo bancar o professor - gritou um dos bagunceiros zombeteiramente - Está procurando emprego, *Fessô?*

- Basta!

Jeff se voltou para seu contestador com tal autoridade na voz e no rosto, que a zombaria cessou.

- Bem - ele prosseguiu - não há ninguém aqui que não tenha o que fazer. Lembrem-se do exame de geometria amanhã.

Gemidos de todos os lados fizeram-no sorrir.

- Está vendo? que tal agir como adultos, sentar e tentar fazer alguma coisa. Eu, por exemplo, posso aproveitar o tempo.

Ouviram-se poucas objeções em voz baixa, mas a maioria voltou para seus lugares.

- O Jeff tem razão - disse um deles- acho que nós parecíamos um bando de gralhas.

- Pior que isso! - riu Jeff.

Levou algum tempo mais e com palavras encorajadoras e também ameaçadoras de Jeff, pouco a pouco, todos estavam sentados - se não exatamente estudando, mas pelo menos quietos. Jeff também foi para seu lugar e abriu um livro, mas mantinha seu olhar atento nos dois bagunceiros que continuavam a cochichar e olhar significativamente para Jeff.

Em breve, todos na classe estavam entregues ao trabalho e tudo estava quieto. De repente, a porta se abriu e o diretor entrou e estacou espantado. Olhou a classe e abriu um sorriso.

- Ora - ele disse - isto é uma surpresa. Por um instante pensei que a Sra. Trask tivesse vindo. Ela teve um problema com o carro e estará aqui em meia hora. Eu ia ficar aqui com vocês, mas vejo que não é preciso. Até Marty e Jock estão em seus lugares!

Marty e Jock sorriram angelicalmente.

- Quem conseguiu este milagre? - perguntou o diretor.

Jeff não disse nada, mas uma das meninas respondeu:

- Jeff pôs a gente na linha, Sr. Hoover. No começo nós não estávamos assim quietos.

Todos riram e o Sr. Hoover também.

- Não, imagino que não estavam - mas tudo está bem agora. Bom trabalho, Jeff. É preciso ser um bom Líder para conseguir uma organização assim, e você fez um bom trabalho.

O St. Hoover saiu, os alunos continuaram aplicados em seus trabalhos e, quando a Sra. Trask chegou esbaforida, meia hora depois, todos estavam felizes com o trabalho que tinham conseguido acabar.

- Graças a Jeff eu não vou ter lição de casa para fazer hoje à noite - disse alguém e todos aplaudiram.

- O Sr. Hoover me disse o que Jeff fez - disse a Sra. Trask - e eu queria cumprimentá-lo. Não é fácil manter na linha uma classe de ginásio - eu sei disso muito bem - e estou contente que ele tenha sido capaz de fazer vocês se conscientizarem de como é importante aproveitar o tempo e, principalmente, lembrá-los porque vocês estão aqui. Frequentemente ouvimos dizer que o mundo precisa de bons líderes, e a melhor época para começar é quando vocês são jovens.

- Há mais alguma coisa, Sra. Trask - disse Jeff. Um líder não conseguirá muito se as pessoas que ele tentar dirigir não cooperarem. A turma cooperou muito.

- Sim, é verdade - disse a Sra. Trask sorrindo - e acho que hoje aqui nós todos aprendemos uma boa lição.



## LEALDADE

– Sinto muito fazer isto com você, Ted. Você sempre foi um bom funcionário e eu gostaria de mantê-lo, mas eu não tenho mais condições para isso.

O velho. Sr. Gallagher estava abatido quando entregou a Ted seu pagamento.

– Eu entendo Sr. G – disse Ted. Eu também sinto muito, mas eu sei que o senhor não está fazendo negócios agora. Bem – ahn – a gente se vê.

Ted foi para casa devagar. Foi um choque, mas ele conseguiria outro trabalho. O Sr. Gallagher é que realmente tinha problemas. Por muitos anos, o “Sr. G.” tinha sido o único empório da sua cidadezinha. Depois abriu aquele enorme supermercado a 1 km de distância e parece que todos os fregueses do Sr. G. começaram a comprar lá. Ted, que trabalhava já há dois anos com o Sr. G., depois das aulas, tinha acompanhado a sua transformação nestes últimos meses. De um indivíduo alegre, ele tornou-se um velho triste, tenso, nervoso, que parecia liquidado.

– Derrotado! – pensou Ted – É assim que ele parece estar. Antes ele nunca pareceu um velho, mas agora sim. Quem vai empilhar as caixas para ele e entregar os pedidos? Ele está muito velho para fazer esse tipo de coisa.

Ted não falou a ninguém sobre o que tinha acontecido, mas esteve muito quieto o resto do dia.

No dia seguinte, na escola, sua cabeça parecia estar longe das lições. Depois das aulas, ele foi para o Sr. G. como de costume e estava varrendo o depósito quando o Sr. G. o descobriu.

– Ted! – disse surpreendido – Ué, pensei que tinha dito a você que não podia continuar a lhe pagar.

– Sim, o senhor disse Sr. G., mas não tem importância. Eu ainda não estou quebrado – na realidade Ted não sabia de onde ia tirar o dinheiro para o cinema de sábado – e gostaria de ficar mais algum tempo para ajudar. Além do mais – Ted sorriu – o senhor não quer me ver andando pelas ruas arranjando encrenca, não é? Olá, tem uma freguesa. Não deixe ela ir embora!

O Sr. G. ficou estranhamente engasgado quando quis falar com Ted, por isso, pouco mais foi dito, e Ted acabou seu trabalho e foi para casa.

Entretanto, nessa noite seu pai recebeu um telefonema sobre o qual não disse nada, mas possuía mão carinhosa no ombro de Ted, longamente, quando voltou à mesa do jantar. Quando Ted foi para a cama, seus pais ficaram conversando até muito tarde.

Na noite seguinte, os pais de Ted foram a uma reunião especial no clube cívico da cidade, e quando eles voltaram, ele estava muito ocupado com suas lições de casa para perguntar o que tinha acontecido. Depois, veio o fim de semana e Ted só voltou para o “Sr. G.” na segunda-feira. Ele entrou e encontrou quatro freguesas na loja, uma senhora estava saindo com um pacote grande nos braços. Ted ficou olhando para ela por alguns segundos até que se lembrou e disse:

– Eu levo o pacote para a senhora, Sra. Ames.

Quando chegaram ao carro, ela disse:

– Você é um bom menino, Ted. Nós estamos muito orgulhosos de você.

Ted não entendeu muito bem aquela história, assim, depois de fechar a porta do carro, encolheu os ombros e voltou para a loja. Outra freguesa entrou e o Sr. G. parecia quase tão ocupado como nos velhos tempos. Não teve tempo de conversar com Ted, que também estava tão ocupado que quase chegou atrasado para o jantar.

Desta vez, ele não ficou calado.

– Vocês deviam ver quantas freguesas o Sr. G. teve hoje – quase gritou – Aposto que ele fez mais dinheiro do que em toda a semana passada. Acho que o supermercado devia estar fechado.

Os pais se entreolharam e o pai disse:

– Não, o supermercado não estava fechado. Eles estão fazendo bastante negócio com as pessoas que moram ao redor. Mas, foi preciso que um excelente ginásiano nos fizesse ver que algumas coisas – ou algumas pessoas – em nossa cidade, são mais importantes do que um moderno supermercado.

De repente, Ted percebeu o que seu pai estava querendo dizer, ficou vermelho e começou a comer depressa.

Seu pai sorriu.

– Não fique sem jeito, Ted. Sua lealdade para com o Sr. G. nos ensinou uma lição. O Sr. G. serviu muito bem esta cidade todos esses anos e seu serviço e seus produtos são tão bons agora como sempre o foram. Não há nada de errado em comprar no supermercado e as pessoas novas da cidade com certeza só vai comprar lá, mas os velhos fregueses do Sr. G., garanto que vão querer que ele continue no comércio!

O rosto de Ted se iluminou.

– Que ótimo! Então, foi esse o assunto da reunião especial que vocês tiveram.

– Sim, disse o pai. Depois, que o Sr. G. me contou o que você fez, eu achei que toda a cidade poderia aproveitar essa ação de lealdade.

☆☆☆☆☆☆

**VIRGEM – 24 DE AGOSTO A 23 DE SETEMBRO  
PUREZA**

– Bem aventurados os puros de coração porque eles verão a Deus.

A Sra. Nelson leu essa passagem para sua classe da Escola Dominical e fechou a Bíblia.

– Vocês todos ouviram esta citação muitas vezes – disse ela – mas gostaria de saber se vocês podem me dizer o que significa. O que sendo puros de coração significa para vocês?

Depois de uma pausa, Ron falou:

– Suponho que significa só ter pensamentos bons; que não são contra ninguém ou contra qualquer coisa.

– E significa não se deixar contaminar por coisas ao seu redor que são nocivas ou ruins – acrescentou Mimi – Como, por exemplo, se alguém diz alguma coisa mesquinha sobre outra pessoa, você deve fechar sua mente a isso e imediatamente pensar em alguma coisa boa sobre essa pessoa.

– Na realidade, significa estar limpo por dentro, não é? – perguntou Terry – Quero dizer, como disse a Mimi, não se deixar contaminar por coisas ruins ao seu redor. Tantas pessoas pensam que é “moderno” fazer coisas como ler livros inconvenientes ou assistir filmes impróprios, quando tudo que eles fazem é satisfazer os desejos inferiores, mesmo que você pense que nunca faria uma coisa dessas. Se você conservar esses pensamentos e imagens na sua mente, nem que seja só um pouquinho, você já não é tão puro como deveria ser.

– Não significa também trabalhar *conscientemente* para ser puro? – contribuiu Dave – Ron disse que devemos ter pensamentos bons, mas



que *não* conseguiremos se não nos esforçarmos. Quero dizer, muitas vezes acho que nossa mente está vazia e pega qualquer coisa que apareça, ou não liga muito para nada, e as formas de pensamento não são nem boas nem más; são apenas nada. Isso também não é ser *puro* de coração. Acho que quando você é realmente puro de coração, você deve se obrigar a manter seu pensamento todo o tempo em coisas boas e puras. Depois de você manter isso conscientemente, por um longo tempo, talvez isso venha inconscientemente e você não terá que se esforçar tanto, mas, no começo, acho que você tem que trabalhar nisso.

– Você acha que nós realmente somos puros de coração, se ainda precisamos nos esforçar para isso? – perguntou a Sra. Nelson.

Dave ficou um tanto perplexo, considerando a pergunta.

– Não, não, acho que não – disse refletindo – Acho que sei o que a senhora quer dizer. Somente quando os bons pensamentos e os bons sentimentos vêm de forma natural, espontaneamente, é que somos na verdade, puros por dentro. Acho que enquanto trabalhamos neles conscientemente, estamos indo na direção certa, mas a *pureza* real é espontânea. Não é isso?

– Bem, o que é que vocês outros pensam? – sorriu a Sra. Nelson.

– Eu acho que se você é realmente puro e limpo por dentro, você não tem necessidade de parar para pensar se o que você está dizendo ou pensando ou fazendo ou sentindo é meritório, bom ou não. De certo modo, você sabe isso automaticamente, e nunca tem que se preocupar se você deve ou não se deixar absorver por um determinado ato ou pensamento. Você *sente* a resposta sem necessitar perguntar – contribuiu Jean.

– Penso – murmurou Dennis – que a pessoa realmente pura de coração deve ser compassiva e compreensiva para com os outros. Não pode ser egoísta,

ciumenta, ou zangada, ou qualquer coisa assim, porque esses sentimentos são corruptos. Acho que a única emoção pura é a espiritual ou...qual é a palavra? ...altruísta. E, se essa pessoa só tem sentimentos como estes, só pode ser boa e humana.

– Em outras palavras – sugeri a Sra. Nelson – você quer dizer que a pureza é uma condição de ser altruisticamente ativa, em lugar de ser apenas passiva.

– Sim – alegrou-se Dennis – acho que é isso que estou tentando dizer. Se você é realmente puro de coração, você não consegue ficar de lado e ver as outras pessoas sofrerem; e acho que você também seria muito infeliz vendo outras pessoas serem *impuras* e ver o que estão fazendo a si mesmas. Você provavelmente estaria muito ocupado tentando ajudar as pessoas e fazê-las ajudar-se a si mesmas.

– Acho que uma pessoa realmente pura de coração está sempre rodeada por uma linda aura – arriscou Anne – Seu Traje Nupcial Dourado deve estar bem desenvolvido e, embora a maioria das pessoas não possa ver a luz, tenho certeza de que quem tiver sensibilidade poderá sentir as maravilhosas vibrações vindas dessa pessoa. Acho que apenas a presença de tal pessoa poderá de algum modo, influenciar outras pessoas a ter melhores pensamentos e praticar melhores ações, ainda que por pouco tempo.

– Sim, Anne, acho que você está certa – interrompeu a Sra. Nelson – Tal pessoa com certeza não poderá ser ignorada, onde quer que esteja. Bem, sinto muito ter que interromper esta conversa tão proveitosa, mas o tempo está se esgotando. Vocês mencionaram várias facetas sobre o conceito de pureza, e tenho certeza que outras irão lhes ocorrer, à medida que forem pensando sobre isso, o que espero que façam. A pureza se aplica a todas as

fases da vida, e só quando tivermos aprendido a viver continuamente dentro de seu contexto, teremos tornado realmente “puros de coração”.



## SERVIÇO

Bárbara conduziu a paciente a uma cadeira no solário, delicadamente afofou o travesseiro atrás de sua cabeça e sorriu.

- Bem, Sra. Simons, se precisar de mais alguma coisa e só tocar a campainha.

- Deus a abençoe, querida - disse a Sra. Simons, apertando a mão de Bárbara - Vocês, as Voluntarias novas, são meninas tão encantadoras. Não sei a que este hospital faria sem vocês.

Bárbara deu uma rápida olhada em torno do quarto, recolheu algumas revistas do chão, virou a cadeira de rodas de outro paciente para que o sol não desse diretamente nos seus olhos e dirigiu-se para o vestíbulo com um vaso de flores murchas. Estava trocando as flores do vaso quando chegou à enfermeira chefe.

- Você pode ler um pouco para o Sr. Wilkins? – perguntou - Ele está muito inquieto hoje.

- Claro - disse Bárbara e foi para o quarto onde estava deitado o velho Sr. Wilkins, que ia ficar com os olhos vendados por mais uma semana.

- Que tal mais um pouco de Oliver Twist? – perguntou -

Não aguento esperar para saber a que vai acontecer.

- É a minha garota preferida? - sorriu a Sr. Wilkins pela primeira vez nesse dia

- Quando me tirarem estas vendas, a primeira pessoa que quero ver é você, principalmente se você for tão bonita como a sua voz.

Bárbara deu uma risadinha e ficou contente porque o Sr. Wilkins não podia vê-la chorar. Sentou-se e começou a ler, levantando os olhos de vez em quando e sorriu ao ver a expressão de contentamento no rosto do idoso.

Depois de vinte minutos ele adormeceu, ela largou o livro e saiu na ponta dos pés.

Uma estudante de enfermagem, com aspecto cansado, passou apressada pelo corredor, empurrando um carrinho cheio de instrumentos.

- Oh, Bárbara, você está livre? Quer guardar isso para mim? Eu vou perder a aula se eu não for já, e não posso deixar este negócio.

- Está bem - riu Bárbara - e relaxe!

A estudante de enfermagem entregou-lhe o carrinho agradecida e foi embora correndo. Bárbara continuou pelo corredor, parando para ajeitar a cama de um paciente, encher a jarra de água de outro, e encaminhar alguns visitantes para o quarto certo, antes de chegar ao depósito. Tinha acabado de guardar os instrumentos quando chegou um médico e disse:

- Oh! Você está aí, Srta. Peters?

Bárbara que ainda não estava acostumada a ser chamada "senhorita" tentou não mostrar sua surpresa e disse:

- Posso fazer algo para o senhor, doutor?

- Sim - respondeu ele - Eu tenho uma nova paciente no quarto 115, a Sra. Gabriel. Ela vai ser operada amanhã e está muita nervosa e preocupada com seus filhos, e, além disso, ela não fala muito bem o inglês. Se você puder fazer um pouco de companhia a ela e tentar acalmá-la, seria um grande favor.

Quando Bárbara entrou no quarto 115, viu a Sra. Gabriel com as mãos fortemente apertadas e quase chorando, sentada na beira da cama.

- Oh, Sra. Gabriel, a senhora não parece muito à vontade - ela disse - Vamos melhorar isso. Deixe que eu arrume a cama e a senhora poderá se acomodar.

Antes que a Sra. Gabriel pudesse dizer qualquer coisa, ela viu-se acomodada na cama, a fotografia da sua família na mesinha de cabeceira, virada de maneira que ela pudesse vê-la, e um copo de água na sua mão.

- Que crianças lindas! - exclamou Bárbara, admirando a fotografia - Que idade elas têm?

Logo depois a Sra. Gabriel, em um inglês atrapalhado, estava falando entusiasmadamente sobre os seus filhos, e quando um residente chegou quinze minutos mais tarde, encontrou a paciente e Bárbara rindo com gosto por causa de uma peça que o caçula tinha pregado no irmão.

Depois disso, Bárbara ajudou a distribuir as bandejas do jantar, pôs em ordem a sala dos visitantes e guardou as bandejas quando os pacientes acabaram de comer.

Ficou espantada quando ouviu a enfermeira chefe dizer:

- Bárbara, não está na hora de você ir para casa?

Olhou para o relógio e viu que já era mais de 6 horas.

- Meu Deus, é mesmo - disse - minha mãe já deve estar me esperando.

Pegou o casaco, disse boa noite para a enfermeira e saiu, onde a mãe já a estava esperando no carro. "Meu Deus" - repetiu, afundando no banco e sorrindo para a mãe.

- Dia muito ocupado, querida? - perguntou a mãe, dirigindo-se para casa.

- Nem me diga! Não parei um minuto. Desculpe o atraso, mas eu não olhei o relógio. Não sei como o tempo passou.

- Isso significa que você trabalhou muito - riu a mãe - O que é que você fez hoje?

Bárbara começou a contar o que tinha feito, quanto mais pensava no que tinha feito e mais entusiasmada ela ficava, mais detalhes contava. Estavam quase chegando em casa, quando ela parou e ficou pensando um momento.

- Mamãe - disse - você se lembra daquela vez na igreja em que o ministro falou que servir era *gratificante*? Eu não entendi o que ele quis dizer, mas,

agora acho que eu sei. Realmente, *adorei* esta tarde, e acho que foi porque eu estava ajudando as pessoas. Era *trabalho gostoso e agradável*; não trabalho de verdade.

A mãe riu.

- Oh, Bárbara, o que você fez é trabalho de verdade, e trabalho de verdade e servir de verdade, podem ser tarefas agradáveis. Se você se lembrar sempre do que aprendeu hoje, querida, você terá uma vida muito gratificante e útil.



## **LIBRA – 23 DE SETEMBRO A 24 DE OUTUBRO**

### **PARTICIPAÇÃO**

Mike acendeu o bico de gás de Bunsen, estudou a experiência um momento e se afastou um pouco com um suspiro de satisfação. Estava trabalhando com perfeição e, se ele conseguisse ir assim até o fim, poderia escrever um trabalho de química que iria agradar até ao Sr. Turner.

Seu entusiasmo diminuiu ao pensar em escrever. Ele era bom em química e os rapazes o consideravam um “bambam” em matemática. Mas, para escrever Mike não era lá grande coisa. Ele sabia o que estava fazendo, mas parece que nunca conseguia achar as palavras certas para pôr no papel e explicar os “por que”, os “por que não”, os “portantos” e os “comos” de suas experiências. O Sr. Turner era tão insistente em ter cada passo do processo explicado, cuidadosamente, em um relatório escrito que, por melhor que fosse a experiência, ele teria uma nota baixa se o relatório não estivesse à altura.

Um barulho estranho no outro lado do laboratório interrompeu os pensamentos de Mike.

- Oh, não, de novo! - gemeu Jan, que estudava química só porque precisava dela para poder entrar na faculdade, e só fazia desastres.

Mike abaixou a chama do bico de gás de Bunsen e foi para perto de Jan sorrindo.

- O que aconteceu desta vez?

- Eu estava tentando colocar o líquido neste tubo de ensaio e escapou tudo da minha mão.

Jan contemplava desoladamente a bagunça no chão.



- Eu nunca vou acabar esta experiência e eu nunca vou entrar no curso se eu não conseguir. O melhor é esquecer a faculdade agora mesmo.

- Ei, ânimo. Não pode ser assim tão ruim - Mike começou a limpar o chão com um pano - Venha, vamos limpar isto.

Enquanto trabalhavam, Mike começou a pensar em uma coisa, e quando acabou ele pediu a Jan que desse uma olhada na sua experiência. Ela olhou meio desanimada, sem nem mesmo ver e disse:

- Parece ótimo. As suas coisas sempre estão ótimas. Você podia tirar um dez neste curso de olhos fechados.

- Ora, não é isso que eu quero dizer - disse Mike impaciente - O que você acha disto? O Sr. Turner disse que nós poderíamos fazer nossas experiências em parceria, não é? Então, suponha que eu faça e depois explique para você e você faça o relatório por escrito. Que tal?

O rosto de Jan começou a se alegrar ao considerar a ideia. Se havia uma coisa que ela *sabia* fazer era escrever. Ela vinha escrevendo histórias há anos, escrevia para o jornal da escola e quase sempre o professor de inglês lia o seu trabalho para a classe.

- Que legal! - exclamou ela, depois olhou desconfiada para Mike - Você tem certeza que quer me explicar tudo isso? Provavelmente eu não vou entender nem o começo.

- Não se preocupe - disse Mike - Se você não entender, eu explico outra vez; e mais outra. Você vai entender e eu vou ficar muito contente por não precisar escrever o relatório.

Assim, eles concordaram. Jan sentou-se e ficou observando com atenção, enquanto Mike explicava cuidadosamente, ponto por ponto, à medida que

prosseguiu. Como ela temia, não entendeu nada, mas Mike, que de qualquer modo queria melhorar a experiência, concordou em voltar no dia seguinte depois da aula e repassar tudo de novo desde o começo.

No dia seguinte, Jan, que tinha parado de se preocupar com suas próprias derrotas e, portanto, em condições de poder se concentrar melhor, teve muito menos dificuldade em entender as explicações de Mike e até descobriu que as respostas a algumas questões simples que ela sempre teve vergonha de perguntar em classe, pareciam se encaixar em seus lugares com o resultado do que Mike estava fazendo.

No terceiro dia, tentaram de novo e, desta vez, Jan conseguiu dizer a Mike, ponto por ponto, como fazer e sentiu que estava preparada para fazer o relatório da experiência.

Ela fez isto durante o fim de semana e quando Mike o leu na segunda-feira, olhou para ela admirado e disse:

- É um belo trabalho. Eu nunca poderia tê-lo feito.

- Ora, claro que podia. Você explicou tudo pra mim, não foi? E você *sabe* que eu não consigo entender uma explicação de química a não ser que seja *muito* simples e clara. Eu entendi a sua experiência e estou entendendo mais sobre química só por causa de sua explanação.

- Está certo - riu Mike - você me convenceu. Outro trabalho que eu fizer, vou tentar escrevei-o e você vai ver se consegue entender.

- Ótimo - disse Jan - E também aposto como vou.

Alguns dias mais tarde, o Sr. Turner estava discutindo os trabalhos na classe.

- Jan e Mike - disse - o de vocês é uma das melhores colaborações que já vi. Essa experiência é muito sofisticada - algo que sabia poder esperar de Mike – mas ele nunca me apresentou um relatório tão conciso e completo. E você, Jan, eu sei que você não poderia escrever o relatório tão bem se você não tivesse realmente entendido a experiência. E, se você conseguiu entender, você aprendeu muito.

- Eu entendi de verdade, Sr. Turner, sorriu Jan, e a química já está até começando a ter sentido para mim. Contudo, há outra coisa que entendo agora e é o valor de trabalhar juntos. Acho que todos têm que aprender a fazer tudo por nós mesmos, mas, às vezes, podemos aprender muito quando alguém, que sabe fazer uma coisa, e alguém que quer fazer outra coisa se unem, e se ajudam, mutuamente.



## EQUILÍBRIO

Sandy estava abatida quando desligou o telefone.

- Linda está doente - anunciou.

- Oh, isso é mau - disse a mãe. Espero que não seja nada sério.

- Não é, mas ela não pode fazer aquela palestra no Clube Cívico esta noite, e a Sra. Greer quer que eu faça.

Sandy e Linda tinham passado o verão trabalhando em um acampamento para crianças desprotegidas. Elas tinham sido convidadas pelo Clube Cívico para falar sobre suas experiências, e Linda, sempre espontânea e comunicativa, ficou encantada em fazer uma palestra. Sandy, que ficava gelada só de pensar em se apresentar a um grupo de pessoas, disse que iria com ela só para dar apoio moral e mostrar alguns slides das atividades no acampamento. Agora, a presidente do Clube Cívico queria que Sandy fizesse a palestra.

- Eu não posso fazer uma *palestra*, mãe - lamentou-se Sandy - toda aquelas pessoas olhando para mim – eu morreria.

A mãe sabia o quanta Sandy era acanhada, mas estava contente porque ela finalmente ia ser obrigada a sair de sua concha e enfrentar um auditório.

- Você não vai morrer meu bem, e você pode falar sobre as experiências do acampamento do mesmo jeito que Linda ia fazer.

- Eu não sei falar como Linda, mãe - protestou Sandy - Ela sabe tudo na ponta da língua, e diz tudo como uma história, e qualquer coisa que perguntarem ela arranja um jeito de responder.

- Por que você teria que falar como Linda? - Perguntou a mãe - Fale do jeito que *Sandy* fala. Você gostou do seu trabalho no acampamento, não é?

- Claro que sim! - exclamou Sandy - Foi maravilhoso ver aquelas crianças carentes começarem a se mostrar felizes e saudáveis. Imagine que algumas daquelas crianças nunca tinham visto um coelho antes.

Sandy falou com entusiasmo por mais algum tempo, enquanto o sorriso da mãe aumentava.

- Está vendo - interrompeu, por fim - você está falando sobre o acampamento sem nenhum problema, fazendo tudo parecer maravilhoso. Do que você tem medo?

- Oh, mamãe! - Sandy ficou desanimada outra vez. Eu estou falando para  *você*. Você compreende. Esta noite terei que falar para todos aqueles desconhecidos.

- Você não acha que  *eles vão* entender? Eles são pessoas, não monstros. E não pense neles. Pense em todas as coisas maravilhosas que aconteceram no acampamento e a palestra sairá naturalmente.

Depois que a mãe saiu, Sandy ficou arrasada por um tempo, depois foi para seu quarto e começou a fazer anotações. Pelo menos, raciocinou se tivesse algumas anotações poderia consultá-las e não teria um branco total em sua mente; conseguiria dizer  *alguma coisa* , embora parecesse sem graça. Passou quase toda a tarde ensaiando o que queria dizer e ficava cada vez mais e mais nervosa, e na hora do jantar mal conseguiu comer.

Seu pai brincou com ela esperando fazê-la sorrir, mas parou quando percebeu que ela estava quase chorando. Foram de carro até o Centro Cívico, em silêncio, e quando desceu, o pai abraçou-a e a mãe segurou sua mão, desejando-lhe boa sorte.

- Obrigada - murmurou Sandy, muito pálida, com as mãos tremendo tanto, que mal podia segurar suas anotações.

Tomou seu lugar no palco, ficou sentada, totalmente alheia enquanto se processavam os preliminares do programa. Por fim, a presidente disse:

- Agora, senhoras e senhores, a Srta. Sandra Davis vai nos falar sobre seu trabalho no acampamento Cascade.

Entre aplausos, Sandy caminhou até ao centro do palco. Com voz fraca e trêmula ela começou a falar. Ouvia-se um arrastar de pés no auditório e ela viu seu pai; sentado nas primeiras filas, formar com os lábios as palavras "*mais alto*" e sorriu encorajadoramente.

- Oh, meu Deus - pensou Sandy - eles já estão impacientes e não conseguem me ouvir.

Então, de repente, ela endireitou os ombros e ergueu o queixo.

- Muito bem. Eu vou *fazê-los* me ouvir.

Largou os papéis, e disse:

- A minha amiga Linda Johnson deveria estar fazendo esta palestra. Eu não sou capaz de fazer como ela teria feito, mas eu gostaria de lhes falar sobre o acampamento à minha maneira, se vocês tiverem paciência de me ouvir.

Houve um começo de aplauso encorajador e Sandy sorriu e ficou um pouco mais à vontade.

- Vocês sabiam que há crianças na nossa cidade que estão no 3º ano primário e nunca viram um coelho? No meu primeiro dia no acampamento... e ela continuou com tanto entusiasmo como havia feito com sua mãe de manhã.

Falou, sem consultar os apontamentos, por quase meia hora, ficando tão absorvida pelo assunto que quase não percebia as pessoas que por sua vez, ouviam encantadas. Por fim, Sandy disse:

- Eu tinha planejado mostrar alguns slides depois da palestra de Linda. Vocês ainda querem vê-los?

Mais aplausos. Sandy projetou os slides e depois respondeu às perguntas.

Depois do programa, enquanto era servido um lanche, muitos membros do cube rodearam Sandy fazendo mais perguntas. Sandy, sorridente e à vontade, deu as respostas adequadas, e estava visivelmente muito satisfeita.

Uma amiga íntima da família aproximou da mãe de Sandy e sussurrou:

- Eu sempre achei Sandy uma menina acanhada, o que aconteceu com ela?

- Ela está adquirindo equilíbrio hoje, sorriu a mãe. Não está ainda totalmente à vontade, mas está aprendendo a se controlar diante de um público. Agora que ela teve a sensação de segurança, estou certa que vai se esforçar para tornar isso uma parte natural do seu caráter.



## **ESCORPIÃO – 24 DE OUTUBRO A 23 DE NOVEMBRO**

### **FORÇAS SECRETAS DA NATUREZA**

Lucas era fascinado por animais desde o dia em que, com apenas dois anos de idade, apanhou seu primeiro besouro e levou-o triunfalmente para casa. A mamãe, com uma careta, jogou fora o besouro, mas nessa época não tinha a menor ideia de que esse bichinho era apenas o primeiro de uma infinita procissão de insetos, taturanas, ratos, hamsters, sapos, cachorros e gatos, para não falar no pato, alguns esquilos órfãos, e outros diversos representantes da fauna, destinados a morar na sua casa por períodos curtos ou longos, enquanto seu filho crescia.

Contudo, a mãe tinha que admitir que Lucas cuidava dos seus bichinhos, compreendia e aceitava de bom grado a responsabilidade pelo seu bem estar. Nunca foram um peso para a família e apenas, raramente, causavam problemas. Lucas passava parte do seu tempo estudando os hábitos de seus animais e de outras vidas selvagens que encontrava, e possuía muitas notas sobre o comportamento animal; notas que, à medida que crescia, foram sendo cuidadosamente documentadas, em descrições concisas e inclusive científicas. Quando ainda estava no ginásio resolveu ser zoólogo e dirigiu seus estudos nesse sentido, tanto quanta possível. Logo se tornou uma “enciclopédia ambulante” sobre conhecimento de animais e podia citar fatos e números sobre este assunto tão bem quanto seus amigos podiam falar sobre futebol ou informações sobre carros de corrida.

Lucas sempre ficava intrigado e confuso pela maneira pela qual se podia esperar que membros da mesma espécie animal agissem do mesmo modo em determinadas circunstâncias. Por que as aves migravam seguindo rotas idênticas, nas mesmas épocas, ano após ano, e o que as guardava para não se perderem? Na realidade, em primeiro lugar, o que as levava a migrar? O que



motivava o salmão, em sua difícil jornada contra a correnteza, ir para o seu lugar de desova? Por que certas criaturas hibernavam e outras tinham conhecimentos para armazenar alimentos para o inverno? O que torna o puma feroz, o coelho tímido e a raposa astuta? Sabia, por seus estudos, que essas perguntas tinham sempre intrigado os naturalistas, mas em nenhum dos seus livros tinha encontrado respostas convincentes.

O dia em que Lucas aprendeu sobre Espíritos-Grupo foi um dos dias mais importantes de sua vida. Um amigo lhe deu um panfleto chamado “Entendendo os Animais” que explicava que cada espécie era governada por um Espírito-Grupo que dirigia as atividades de todos os membros. Espíritos-Grupo eram Arcanjos e, como tal, dotados de sabedoria superior. Eles sabiam o que era melhor para seus comandados – quase sempre muito melhor do que o ser humano sabe o que é melhor para ele. As reações do animal para qualquer situação, tanto de crise, simples necessidade e desejo, como envolvendo relacionamento com outros animais e pessoas, eram governadas, não pelo que os cientistas chamam de “instinto”, mas pelas ordens dos Espíritos-Grupo. Os seres humanos eram individualizados, portanto, imprevisíveis. Os animais ainda não eram individualizados, mas eram, em todos os aspectos, ligados e governados por seus Espíritos-Grupo, que não eram caprichosos. Portanto, animais eram previsíveis. Lucas soube em seguida que muitas das perguntas não respondidas pelos naturalistas sobre o comportamento animal seriam imediatamente respondidas se eles conhecessem e aceitassem a presença e atividades dos Espíritos-Grupo.

No princípio, Lucas falou muito pouco sobre sua descoberta. Compreendeu, imediatamente, a importância disso, mas também sentiu que as outras pessoas não estariam inclinadas a aceitar e acreditar na teoria dos Espíritos-Grupo. Para ele era a única explicação lógica. Sabia que alguns cientistas, mais avançados, haviam sugerido a existência de uma espécie de “força” oculta no

universo que impelia os animais a fazer o que faziam, e esta “força”, com certeza, poderia ser facilmente traduzida por “Espíritos-Grupo”. Contudo, outros observadores se contentavam em atribuir o comportamento animal ao “instinto” – sem nunca explicarem inteiramente, pelo menos a contento para Lucas, o que era “instinto” e como funcionava. Sabia que muitos desses observadores iam achar a ideia de uma entidade invisível, como a do Espirito-Grupo, simplesmente ridícula, semelhante a um conto de fadas.

Grato por seu novo conhecimento, Lucas sabia que, embora não tivesse intenção de conservá-lo só para si, no momento não podia fazer muito para revolucionar o mundo científico. Contudo, no próximo ano, na universidade, tinha certeza que os professores iam ficar surpresos com algumas das teorias que iria expor, e, eventualmente, quando iniciasse sua carreira, ele estaria em melhor posição de transmitir essa informação para os colegas. Enquanto isso, tencionava aprender tudo que pudesse nesse sentido. Se existiam Espíritos-Grupo, sobre os quais relativamente poucas pessoas tinham ouvido falar, certamente era possível que outras entidades sobre as quais os cientistas ainda não tinham noção, também desempenhassem importantes papéis nos trabalhos da Natureza. Lucas sabia que quanto antes à existência de tais seres fosse reconhecida e aceita, mais depressa seria explicado muito do que ainda intrigava os cientistas.



## CORAGEM

- Você sabe o que acontece com garotos que ficam viciados - a voz de Lili era urgente - Você esteve na clínica e os viu passando pelo processo de recuperação. Você quer que isso aconteça com a Mônica?

- Lili, você não tem o direito de contar para a mãe dela. O que Mônica está fazendo é coisa só dela. Ela tem tanto direito de viver sua vida como você, e o que ela quer fazer com ela é problema dela - disse Gerson zangado. Contar para a Sra. Paranhos significa interferir na vida de Mônica. Você gostaria de ter alguém bisbilhotando todos os seus passos? Além disso, você não sabe que você vai ter que se ver com a turma se contar? Você será rejeitada - ou pior.

- Sei disso muito bem - disse Lili. Mas eu não posso ficar de lado e ver Mônica se matar. Acredite, vou precisar de toda a minha coragem para contar para a mãe dela, sabendo que eu vou fazer com que Mônica e todos me odeiem. E também eu não sinto prazer algum em transmitir as belas notícias para a Sra. Paranhos. Mas, o que e que eu posso fazer?

- Você pode não meter o nariz onde não é chamada - retorquiu Gerson.

- Como é que você pode dizer isso? - Implorou Lili - Eu pensei que você era amigo dela.

- Eu *sou* amigo dela - disse Gerson - e é por isso que eu digo: não se meta e deixe-a em paz.

Lili suspirou.

- Nunca vou fazer você entender, Gerson. Ela também é minha amiga, e é justamente por isso que eu acho que devo fazer alguma coisa para salvá-la, mesmo que isto faça todos ficarem contra mim. Eu já falei com ela, mas não adiantou nada. Alguém tem que ajuda-la, e não conheço ninguém que tenha

maior intimidade com ela e que possa ajudá-la tanto neste momento, como sua própria mãe. Por isso, eu vou falar com a Sra. Paranhos hoje de tarde. Como a rapaziada vai me tratar depois, não é tão importante para mim como o que possa acontecer com a Mônica.

Gerson saiu zangado e Lili dirigiu-se devagar, mas decidida, para a casa dos Paranhos. Sua conversa com a mãe de Mônica foi tão desagradável como ela havia previsto.

No começo, a Sra. Paranhos recusou-se a acreditar que sua filha estivesse tomando drogas – embora depois admitisse ter notado alguns sintomas em Mônica, mas, não querendo admitir o fato, ela realmente havia afastado a suspeita de sua mente. Contudo, concordou que Mônica deveria receber assistência e orientação profissional.

No dia seguinte, Mônica não estava na escola e a maioria dos estudantes ignoravam Lili acintosamente, exceto por ocasionais zombarias.

Evidentemente, Gerson tinha espalhado a notícia. Por muitas semanas, Lili ficou isolada. Quando as pessoas a viam chegar, deliberadamente paravam de conversar e viravam-lhe as costas. Antigos amigos a evitavam, e o fato de que os professores e o diretor pareciam tratá-la com especial bondade, somente contribuía para tornar a sua posição entre os estudantes ainda mais incomoda.

Lili não tentou justificar o seu ato – na verdade, não lhe pediram para fazê-lo e o tratamento que lhe dispensavam era muito pior do que teria sido defender-se verbalmente. Contudo, continuou convencida de que havia feito à coisa certa e, embora inegavelmente infeliz, tivesse certeza de que com o tempo seria justificada. Os relatórios sobre o progresso de Mônica, que recebia quase diariamente da Sra. Paranhos, conseguiam animá-la. Mônica estava em uma instituição particular, equipada especialmente para tratar de viciados em drogas, e tinha passado muito bem a pior fase da recuperação.

Depois de muitas semanas, inesperadamente, Mônica voltou à escola, com muito melhor aspecto do que tivera por muito tempo. No fim do dia, pediu para falar à classe.

- Pessoal, eu não sei como dizer isto, começou, mas depois de ter conversado com alguns de vocês, estou vendo o que a Lili tem passado todo este tempo. Confesso que quando fiquei sabendo que fora ela que havia contado à minha mãe, eu a odiei por se meter. Eu tinha medo de ir para aquele sanatório e tinha pavor da recuperação. Mas, bem no fundo, eu desejava me livrar da droga. Ninguém que esteja viciado quer realmente o ser. Eu precisava de ajuda, mas tinha medo de pedir a alguém, por isso me afundava cada vez mais. Ainda agora não tenho certeza de estar completamente curada, mas foi graças a Lili que eu tive outra oportunidade e apenas espero desta vez conseguir ficar no caminho certo. Contudo, se não fosse por Lili, eu agora estaria em bem piores condições e se não tivesse tido essa ajuda, não poderia me livrar da droga. Dizem que não é preciso muita quantidade dessa coisa, para que se fique terrivelmente viciado e agora eu acredito nisso. De qualquer modo, eu devo toda minha vida à Lili. Não creio que alguém tivesse feito o que ela fez, e gostaria que vocês voltassem a serem seus amigos. Eu também teria agido como vocês se ela tivesse interferido com algum outro, mas agora vejo que, às vezes, é preciso interferir. Foi preciso ter muita coragem para fazer o que ela fez, e eu nunca poderei lhe pagar.

Mônica sentou-se e houve um longo silêncio. Depois Gerson se levantou.

- Acho que todos devemos pedir desculpas a Lili e mais do que isso. Fala-se muito neste mundo em “coragem moral”, mas foi necessário alguém que realmente a tem, para nos mostrar o que ela é.



**SAGITÁRIO – 23 DE NOVEMBRO A 22 DE DEZEMBRO**  
**GENEROSIDADE**

- Eu adoraria, Laura – disse a mãe de Karen com entusiasmo – ir para Nova York por alguns dias, principalmente para ir ao teatro. Seria como ir ao céu, mas eu não posso fazer isto com Karen. Ela vem sonhando com este fim de semana a tanto tempo, eu não posso pedir a ela para ficar com as meninas. E você sabe que eu não posso pagar uma acompanhante por 72 horas.

- Você não acha que já é tempo de você pensar em si mesmo? – perguntou a Sra. Reese impacientemente. Você não tem ido à parte alguma desde que Ralph... – ela parou e ficou vermelha.

- Desde que Ralph morreu – completou a mãe de Karen suavemente – Não, não tenho mesmo, mas vai chegar a hora. No momento, minha obrigação é com as crianças.

- Seu dever é com você também! Você trabalha o dia todo, depois chega em casa e vai para a cozinha, costura, faz faxina, tudo para as meninas. Até quando você acha que isto pode continuar? Nós já temos as passagens, o Harry tem que ir de qualquer jeito; pense como a gente vai se divertir!

- Eu sei, Laura, e eu adoro você por ter me convidado, mas está fora de cogitação agora. Divirta-se, eu vou ficar pensando em você.

As senhoras se levantaram, a Sra. Reese ainda insistindo e Karen, que tinha ficado parada do lado de fora da porta, foi na ponta dos pés para o seu quarto. Que bela oportunidade para sua mãe tirar umas férias, pensou.

Por que tinha que aparecer logo neste fim de semana?

Ela vinha esperando com grande ansiedade e há tempo por este baile de sábado à noite. Olhou para o lindo vestido novo pendurado na porta e lembrou-se, com tristeza, que a mãe tinha ficado costurando até quase 2 horas da madrugada para acabá-lo.

- Oooh! – resmungou zangada consigo mesma. Por que a Sra. Reese não podia ir na próxima semana?

Mas a Sra. Reese ia nesta semana, e talvez esta fosse a única oportunidade, por muitos meses, de sua mãe ter umas férias. Karen sentou-se pensativa e, aos poucos, desfranziu as sobrancelhas e sua expressão tornou-se calma e decidida.

Foi até o guarda-roupa de sua mãe, pegou um tailleur e um vestido bonito, e estava passando-os a ferro, quando sua mãe a surpreendeu.

- O que é que você está fazendo? – ela perguntou.

- Você vai para Nova York com a Sra. Reese e eu pensei que podia ajudar você a se aprontar.

Karen desligou o ferro e pegou uma mala do armário.

- Para três dias esta pequena dá, não acha?

A mãe de Karen estava olhando boquiaberta.

- Meu bem, eu não vou para Nova York – conseguiu dizer por fim.

- Vai, sim – respondeu Karen com firmeza – Olhe esta é uma chance única e se eu conheço a Sra. Reese, ela vai ver tudo o que houver para ver. Eu ficarei com as meninas. Afinal, este fim de semana não é tão importante; outros bailes vão aparecer e eu vou ter muito tempo para usar meu vestido novo. Já era hora de você também se divertir um pouco!

Karen pegou o telefone e ligou para a Sra. Reese.

- Sra. Reese, aqui é Karen. Afinal a mamãe vai para Nova York com a senhora. Diga a que horas a senhora pretende sair e ela estará pronta.

Parece que a mãe de Karen não conseguia dizer ou fazer qualquer coisa. Ela protestou, fracamente, que Karen não devia estragar seu fim de semana, mas Karen ignorou os protestos, arrumou a mala, conferiu a cozinha para ficar certa de ter de tudo para o fim de semana, telefonou para Jack para dizer que não podia ir com ele ao jogo, nem ao baile. Foi a parte mais difícil, e Karen não ficou sabendo que sua mãe a tinha visto assuar o nariz e enxugar os olhos depois de conversar no telefone. Depois que Karen saiu da sala, a mãe deu um telefonema e quando desligou seu sorriso era um misto de alívio e contentamento. Depois disso, ela se entregou feliz as sugestões de Karen sobre que roupas levar e falaram sobre espetáculos que iam ver em Nova York. Karen ficou encantada com a súbita animação de sua mãe, e conseguiu esconder sua própria decepção. Acabou de arrumar a mala e a colocou no hall de entrada.

Quando o carro dos Reese chegou, a mãe saiu, só para voltar correndo, muito animada.

- Karen, a irmã da Sra. Reese disse que está disposta a passar a noite de sábado aqui com as meninas, assim você vai poder ir ao baile. Sabe, se o Jack não se importar com a companhia de duas estudantes de curso primário, por que você não as leva ao jogo de tarde? Elas vão adorar!

Karen gritou de alegria, abraçou sua mãe e dançou com ela pela sala.

- Oh! Que maravilha! E Jack não vai se importar de levá-las por uma vez. Ele gosta mesmo das meninas e elas o adoram. E eu adoro você. Agora, vamos embora, eles estão esperando.



Karen, brincando, empurrou a mãe para o carro e ficou acenando enquanto eles saíam. Sorriu até as orelhas correndo para casa, pensando no maravilhoso fim de semana que todos iam ter.



## ASPIRAÇÃO

Mark andava devagar pela trilha do bosque, perdido em seus pensamentos. As palavras que seu pai dissera na véspera ainda predominavam em seus pensamentos, embora admitisse relutantemente, perturbavam-no de forma estranha.

- Há coisas mais importantes do que concertos de rock, motos, ou mesmo suas notas e sua carreira – o pai tinha dito – tudo isso são considerações materiais e, embora escola e carreira certamente sejam importantes, considerações espirituais o são ainda mais. Claro que você sabe que não pode levar com você os bens materiais, quando sua vida se acabar, mas há outros bens internos que você *precisa* ter e deve obter por si mesmo se sua vida tiver que ter um significado real. Eu sei que você já conhece as expressões "trabalho desinteressado" e "compaixão", enfatizadas cada vez mais na Escola Dominical, mas gostaria de saber se você realmente compreende a sua importância ou se interessa. Você aprendeu que você é uma divina centelha de Deus, destinado a se tornar um Ser Criador por virtude de seu próprio esforço e conquista, e que trabalho desinteressado é o "mais curto, mais seguro e o mais agradável caminho que nos conduz a Deus." Eu não estou pedindo, Mark, que você renuncie a se divertir, ou que você deixe de economizar para comprar um carro, ou acabar com a sua coleção de discos. O que estou pedindo é que você ponha essas coisas em seus devidos lugares, e que também você reconheça e pense sobre essa parte de sua vida que deveria ser devotada a assuntos espirituais. Espero que, eventualmente, você eleve sua visão mais alto do que parece fazer agora.

Irritado e perturbado, Mark passou uma noite agitada. Na manhã seguinte, como era sábado, saiu de casa cedo, e esteve andando no bosque por um

tempo. Depois de tentar, sem sucesso, tirar da mente as palavras de seu pai, finalmente se conformou a enfrentá-las com honestidade.

Claro que o pai tinha razão em ficar preocupado, pensou Mark. Seus principais interesses eram sua moto e sua coleção de discos e, embora conseguisse ir bem na escola, ele o fazia não por causa de aprender, mas para não ter os pais "pegando no seu pé" e para que pudesse entrar na faculdade e, em consequência, arranjar um bom emprego. Embora estivesse familiarizado com os preceitos espirituais e os Ensinamentos enfatizados na Escola Dominical Rosacruz, a que assistia porque seus pais queriam, nunca chegou a pensar sobre eles ou relacioná-los consigo.

Sabia que havia na vida alguma coisa a mais do que sua estreita esfera de interesses, e agora que estava ficando mais velho, ele deveria começar a prestar mais atenção a coisas além do imediato prazer material. Seu pai disse que ele devia elevar sua visão e, à medida que Mark começou a considerar este pensamento sob uma luz mais positiva, gradualmente sentiu uma sensação de leveza e antecipação. Começou a pensar seriamente sobre o que havia aprendido na Escola Dominical, e quanto mais pensava nos Ensinamentos com relação a sua própria vida e potencial, mais curioso e entusiasmado ficava.

Que valor permanente tinham os discos, motos, carros e todas as outras coisas, as quais ele e seus amigos davam tanta importância? Qual o resultado permanente que viria de todo o tempo perdido em atividades de lazer? Mark estava surpreso por estar fazendo essas perguntas a si próprio, mas tentou responder a elas analisando-as com todo cuidado. Ele sentou-se, ainda pensando intensamente, para comer o sanduiche que havia trazido e depois continuou seu passeio.

Pelo meio da tarde, cansado, mas com o começo de um sentimento de bem-estar que nunca havia experimentado, Mark estava pronto para voltar para casa – uma pessoa diferente do garoto que havia entrado no bosque nessa manhã. Ele não estava preparado para renunciar aos seus interesses do momento, mas seu pai não tinha pedido, ou esperado que ele fizesse isso. No entanto era a primeira vez em sua vida que estava preparado a considerá-los secundários e dedicar a eles apenas parte do seu tempo, e de si mesmo. Estava preparado para ampliar seus horizontes, para incluir neles assuntos espirituais, e a perspectiva o atraía como nenhum objetivo puramente material o havia atraído até então.

De repente, Mark sentiu-se muito agradecido por ter "enfrentado" os Ensinamentos na Escola Dominical ainda que o impacto inicial tenha sido suave. Agora que estava interessado, sabia, sem ter que procurar mais o que significava "viver a vida"; podia *tentar* imediatamente viver de conformidade com os preceitos, e concentrar-se, pelo menos de vez em quando, em "coisas mais elevadas".

Mark sabia que não iria se tornar da noite para o dia um exemplo de espiritualidade - nem queria. Ainda iria andar de moto, ouvir discos, continuaria com suas ocupações habituais. Mas, também sabia que a semente de alguma coisa nova e muito mais significativa tinha sido agora plantada dentro dele, alguma coisa que iria amadurecer cada vez mais, e ajudaria a colocar todos os acontecimentos e detalhes de sua vida, no caminho da verdadeira perspectiva. As palavras de seu pai tinham aberto seus olhos e o tinham colocado no caminho certo: o resto dependia dele. Reconheceu o desafio – e a oportunidade – e agora estava ansioso por enfrentar a ambos.

